

DEISE PRISCILA DELAGNOLO

ENTRE
**ESTEREOTIPIAS,
BRINCAR & MÚSICA**

DEISE PRISCILA DELAGNOLO

ENTRE

ESTEREOTIPIAS, BRINCAR & MÚSICA

2025 by Atena Editora

Copyright © 2025 Atena Editora

Copyright do texto © 2025, o autor

Copyright da edição © 2025, Atena Editora

Os direitos desta edição foram cedidos à Atena Editora pelo autor.

Open access publication by Atena Editora

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira Scheffer

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Yago Raphael Massuqueto Rocha



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo desta obra, em sua forma, correção e confiabilidade, é de responsabilidade exclusiva dos autores. As opiniões e ideias aqui expressas não refletem, necessariamente, a posição da Atena Editora, que atua apenas como mediadora no processo de publicação. Dessa forma, a responsabilidade pelas informações apresentadas e pelas interpretações decorrentes de sua leitura cabe integralmente aos autores.

A Atena Editora atua com transparência, ética e responsabilidade em todas as etapas do processo editorial. Nossa objetivo é garantir a qualidade da produção e o respeito à autoria, assegurando que cada obra seja entregue ao público com cuidado e profissionalismo.

Para cumprir esse papel, adotamos práticas editoriais que visam assegurar a integridade das obras, prevenindo irregularidades e conduzindo o processo de forma justa e transparente. Nossa compromisso vai além da publicação, buscamos apoiar a difusão do conhecimento, da literatura e da cultura em suas diversas expressões, sempre preservando a autonomia intelectual dos autores e promovendo o acesso a diferentes formas de pensamento e criação.

Entre Estereotipias, Brincar e Música

| Autores:

Deise Priscila Delagnolo

| Revisão:

A autora

| Diagramação:

Nataly Gayde

| Capa:

Yago Raphael Massuqueto Rocha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D333 Delagnolo, Deise Priscila
Entre estereotipias, brincar e música / Deise Priscila
Delagnolo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2025.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-3757-4
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.574250910>

1. Autismo. I. Delagnolo, Deise Priscila. II. Título.
CDD 616.8982

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

📞 +55 (42) 3323-5493

📞 +55 (42) 99955-2866

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

CONSELHO EDITORIAL

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Ariadna Faria Vieira – Universidade Estadual do Piauí
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Cirênio de Almeida Barbosa – Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Cláudio José de Souza – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Prof^a Dr^a. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Elio Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^a Dr^a Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Fabrício Moraes de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Prof^a Dr^a Glécilla Colombelli de Souza Nunes – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof. Dr. Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto – Universidade de Pernambuco
Prof. Dr. João Paulo Roberti Junior – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^a Dr^a Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
Prof. Dr. Julio Cândido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof. Dr. Sérgio Nunes de Jesus – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia
Prof^a Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Este livro apresenta quatro capítulos que se articulam em torno do autismo e intervenções mediadas pela música. Se tem como referência Winnicott (1975); Levin (2005), dentre outros. Além disso, os capítulos problematizam questões como as implicações dos diagnósticos na infância e desdobramentos clínicos do brincar e da música. Também, se problematiza processos de medicalização da infância, que têm favorecido os diagnósticos expansivo do autismo, frequentemente desconsiderando os processos singulares do desenvolvimento e as condições relacionais e potencialidades do sujeito.

No primeiro capítulo, problematiza-se a dimensão da primeira infância como tempo privilegiado para a constituição psíquica, destacando-se o papel da diáde mãe-bebê e as implicações da intervenção diagnóstica precoce. Discute-se como a psicanálise pode oferecer ferramentas conceituais e clínicas para compreender o sujeito como um *advir*, contrapondo-se às leituras biomédicas que tendem a fixar precocemente categorias diagnósticas.

O segundo capítulo discute a questão das estruturas clínicas e a posição do autismo na teoria psicanalítica, apontando os riscos inerentes a equívocos diagnósticos que incidem de maneira significativa sobre a vida psíquica. A análise é enriquecida por vinhetas clínicas e pela experiência com a educação musical, evidenciando que práticas criativas podem sustentar a emergência da singularidade subjetiva, abrindo vias alternativas ao enquadramento patologizante.

No que concerne à estruturação psíquica, o segundo capítulo apresenta aspectos psicanalíticos do desenvolvimento, descrevendo as especificidades do autismo enquanto uma leitura de quarta estrutura, enfatizando o conceito de borda, e uma noção não patológica sobre o autismo, tomando as especificidades estruturais nas intervenções.

No terceiro capítulo, se escreve sobre as estereótipias, geralmente interpretadas como marcadores de déficit. O texto demonstra que tais manifestações, quando acolhidas em contextos clínicos e educativos, podem ser ressignificadas como pontos de entrada para a simbolização. O brincar e a música aparecem como recursos para transformar movimentos repetitivos em experiências de criação e subjetivação.

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

O quarto capítulo analisa a articulação entre clínica e educação musical em instituições de educação especial, como a APAE. A música é concebida não apenas como prática artística, mas como instrumento de inscrição simbólica e de abertura para o laço social.

De modo geral, os quatro capítulos convergem para uma crítica às leituras estritamente biomédicas e às lógicas de generalizações diagnósticas, apontando para a necessidade de estratégias clínicas e educativas que privilegiam a singularidade e a historicidade do sujeito. Ao articular psicanálise, educação musical e experiências institucionais, o livro pretende oferecer contribuições teóricas e práticas para o campo da saúde mental e da educação, problematizando a medicalização da infância e propondo alternativas que sustentem a invenção e a criatividade como dimensões fundamentais do desenvolvimento humano.

Os quatro capítulos reunidos neste livro foram publicados entre os anos de 2023 e 2024. As elaborações teóricas desenvolvidas ao longo dos textos marcam uma fase de estudos acadêmicos, e, com o interesse de agrupá-los, publica-se este livro, demarcando a finalização de um período de estudos e reflexões teóricas iniciadas durante as graduações.

Atualmente, estudam-se novas abordagens sobre as noções de diagnóstico, indicando diferentes posicionamentos críticos acerca dos diagnósticos na primeira infância. Essas novas perspectivas, como em toda trajetória de pesquisa em construção, demonstram outras composições teóricas e espaços de análise. Ainda assim, publica-se este livro com o objetivo de consolidar uma base de construções teóricas previamente desenvolvidas e, como já dito, encerrar um ciclo de produções acadêmicas.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
NOTAS SOBRE INTERVENÇÕES NA PRIMEIRA INFÂNCIA	
DOI https://doi.org/10.22533/at.ed.5742509101	
CAPÍTULO 2.....	12
AUTISMO, EDUCAÇÃO MUSICAL E POTENCIALIDADES	
DOI https://doi.org/10.22533/at.ed.5742509102	
CAPÍTULO 3.....	25
A POTENCIALIDADE DO BRINCAR DIANTE DAS ESTEREOTIPIAS DA CRIANÇA AUTISTA	
DOI https://doi.org/10.22533/at.ed.5742509103	
CAPÍTULO 4	36
MÚSICA E EDUCAÇÃO - EXPERIÊNCIAS DE ATELIÊS MUSICAIS	
DOI https://doi.org/10.22533/at.ed.5742509104	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
SOBRE A AUTORA	49



C A P Í T U L O 1

NOTAS SOBRE INTERVENÇÕES NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Deise Priscila Delagnolo

RESUMO: Este trabalho estrutura-se através de um projeto de estágio curricular não-obrigatório desenvolvido em uma Instituição do Estado de Santa Catarina, onde o objetivo se articulou à observância dos potenciais riscos para a estruturação psíquica na diáde mãe-bebê, bem como o acolhimento de mães, este último amplificando a prática do acolhimento clínico, bem como intervenções na relação mãe e/ou cuidador. Os procedimentos metodológicos engendraram-se na revisão das contribuições da psicanálise para as intervenções com bebês e crianças, bem como sua relação com a pré-história do sujeito, o estabelecimento do inter-relacionamento mãe-bebê e importância do acolhimento dos cuidadores para a estruturação de intervenções clínicas. Observou-se, através do brincar a relação mãe-bebê, a qual desenvolveu-se na sala de espera dos acolhimentos clínicos. Os resultados do projeto demonstraram que bebês prematuros, sindrômicos, com atrasos no desenvolvimento e/ou diagnosticados precocemente na primeira infância apresentam potenciais riscos em sua dinâmica psíquica, cabendo-nos ressaltar que o diagnóstico biomédico de autismo neste tempo constitui-se como um equívoco mediante as articulações psicanalíticas, pois esta entende que o sujeito está sempre por vir, deste modo o diagnóstico precoce engendra-se como uma agressividade ao futuro daquele que está em processo de estruturação psíquica. Para tanto, indicamos que o estudo dos Indicadores de Risco para o Desenvolvimento Infantil – IRDI (Desenvolvido por Maria Cristina Kupfer e outros pesquisadores) sejam de alguma forma acoplados as intervenções na primeira infância para que o futuro desta não seja engessada com processos diagnósticos que em muitos dos casos nos chegam como autismo.

PALAVRAS-CHAVE: Primeira Infância; Intervenção Precoce; Acolhimento de mães; Equívoco Diagnóstico; Contribuição Multidisciplinar.

INTRODUÇÃO

Este artigo resulta de experiência clínica realizada em uma Instituição do Estado de Santa Catarina, cujo objetivo foi intervir na diáde mãe-bebê (a diáde mãe-bebê é conceituada em psicanálise como um processo de alienação especular que pode se instaurar ou não na primeira infância).

Propomos uma exploração teórico-narrativa acerca das conceituações psicanalíticas sobre a pré-história do sujeito, a instauração do processo de alienação mãe-bebê, a observância clínica deste último, bem como o acolhimento da mãe e/ou cuidadores.

O projeto atentou à potencialidade das intervenções clínicas na primeira infância, quais foram conceituados por autores como Jerusalinsky, J (2002), Jerusalinsky, A (2011), Kupfer (2009) – (dentre outros pesquisadores), esta última por meio da instauração do protocolo IRDI – Indicadores de Risco para o Desenvolvimento Infantil.

Os achados clínicos apontam para uma tendência diagnóstica excessiva na primeira infância em que, na contemporaneidade qualquer atraso no desenvolvimento ou comportamento que fuja do esperado pelo social é precocemente diagnosticado como autismo.

Para tanto, vale ressaltar que para a teoria psicanalítica, a qual nos serviu de base conceitual do projeto, bem como das intervenções, o diagnóstico na primeira infância constitui-se como um equívoco, visto que os bebês e crianças com ditos problemas na constituição estão em tempo de intervenção sem nos valermos de diagnósticos que engessam vidas, mas sim em uma clínica, que aposte no advir.

As perspicácia clínicas nos mostraram que a prematuridade, intercorrências no parto, síndromes, bem como os diagnósticos precoces de autismo colocam-se como urgências clínicas, pois na maior parte dos casos acompanhados estas constituem-se como angústias no laço parental.

Dito isto, desenvolve-se este trabalho que tem como objetivo compartilhar a relevância das intervenções precoces para que o futuro do *infans* possa se dar de outra maneira daquela que vem se mostrando nas observações e entrevistas parentais.

A problemática é de uma amplitude crítica e clínica, esta, no sentido de demonstrar que muitas crianças que estão estabelecendo um laço psicótico na relação com a mãe recebem diagnósticos de autismo, o que a nós (subsidiados na teoria psicanalítica) constitui-se como um aniquilamento na estruturação psíquica. Apostamos nas crianças e na diáde mãe-bebê a tempo em que, através das intervenções precoces possa-se instaurar um outro futuro para esses bebês e crianças em desenvolvimento e em estruturação de seus psiquismos.

Entende-se que este trabalho possa contribuir multidisciplinarmente, atentando a profissionais que atuam na Educação, Saúde, Assistência dentre outros, pois o modo como as peculiaridades da infância, bem como possíveis dificuldades no desenvolvimento é escutado por distintos profissionais pode transformar o futuro de um sujeito.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento da presente pesquisa foram utilizadas as contribuições da psicanálise na clínica da primeira infância, tendo explorado autores que se desdobram em questões deste campo.

Foram analisadas publicações nas plataformas Scielo e Capes, referências consolidadas no escopo das temáticas abordadas, as quais constituem-se como contribuições atemporais no âmbito da pesquisa e clínica da primeira infância sustentada nos pressupostos psicanalíticos.

Os procedimentos para geração de dados e articulação teórica adviram de experiências realizadas no projeto, as quais englobaram a observação da diáde psicanalítica mãe-bebê e acolhimentos de mães e/ou cuidadores para intervenção precoce.

A sala de espera constitui-se como um local de potencial observação da relação mãe-bebê, onde o estabelecimento ou não do brincar indicou as peculiaridades desta clínica. A metodologia narrativa contemplada no presente trabalho compõe-se como uma forma de possibilitar a partir dos referenciais que o autor possa articular-se livremente em associatividade aos achados clínicos (Pavani, et al., 2021).

INTERVENÇÃO PRECOCE: NOTAS SOBRE O ACOMPANHAMENTO DA DÍADE PARENTAL

A prática clínica com bebês e crianças vem sendo discutida com maior ênfase nas últimas décadas, abarcando questões acerca das práticas em saúde e especificidades das intercorrências clínicas e patologização nesse período de vida.

De acordo com Jerusalinsky (2002), quando um bebê apresenta algum problema em seu desenvolvimento, compromete os pais na preocupação com o seu futuro, com as possibilidades que este terá de se comunicar socialmente, de aprender e de ser desejante diante da vida.

Sabemos, desde as contribuições da psicanálise que estas situações de risco numa criança ainda muito pequena podem afetar o funcionamento psíquico de seus progenitores instalando uma situação de risco na diáde mãe-bebê. As patologias

severas em bebês são os quadros que melhor nos fornecem exemplos, como paralisia cerebral parcial ou total, síndromes que atingem o instrumental cognitivo e motor, em que a diáde mãe-bebê alcança o estatuto de indicador fundamental na constituição psíquica dessas crianças. Mesmo diante de uma possível falha orgânica, priorizar a sustentação das funções parentais pode rearticular o modo em que um bebê é tomado no circuito de desejo e demanda dos pais, o que é decisivo para sua estruturação como sujeito.

Ou seja, para que o recém-nascido que ali está possa ser tomado como um filho, é preciso primeiro que os pais se identifiquem a ela (vejam-se nele), reconhecendo-o como semelhante e, ao mesmo tempo, o suponham além de eles mesmos, ao endereçá-lo aos seus ideais (e portanto não plenamente igual ou redutível a eles), como portador de um saber e, desse modo, como um sujeito único – não anônimo porque referido aos ideais familiares e, ao mesmo tempo, absolutamente singular (Jerusalinsky, 2016, p.87).

Para tanto, é na pré-história do sujeito que os pais iniciam a projeção do simbólico ao bebê, atribuindo-lhe um nome, características pessoais etc. Esta pré-história se dá principalmente durante a gestação, tempo em que a mãe inicia uma construção imaginária sobre seu filho (Aragão, 2005).

Mesmo antes de falar e de caminhar, mas antes mesmo de nascer empiricamente à vida, o sujeito já é objeto do discurso, do desejo e das fantasias de seus genitores que por sua vez, são sujeitos assujeitados às estruturas linguísticas, psicanalíticas e histórico-sociais (Lajonquière, 1992, p.151).

A pré-história do sujeito é caracterizada por Kamers (2001), como uma lógica significante que se inicia desde a gestação, onde a mãe ou qualquer sujeito que cumpra essa função, inicia a projeção do simbólico ao bebê, lhe oferecendo uma imagem, um nome, inserindo a criança na mítica familiar, na ordem da cultura. Esta pré-história constitui-se como fundamental para a criação de um lugar para o bebê na história familiar, no imaginário materno, desta forma na relação mãe-bebê. Ao nascer o bebê depende de um Outro que supra suas necessidades biológicas, porém não é somente por meio do suprimento das demandas biológicas que o bebê necessita, mas sim de um Outro que lhe transmite o desejo para que advenha como sujeito.

Mas como este Outro faz a transmissão de seus desejos ao bebê? Sabe-se que o nascimento real de um filho implica em inúmeras questões, dentre as quais este trabalho atenta às situações de risco para a constituição psíquica das crianças, tais como: prematuridade, hospitalização prolongada, dificuldades no desenvolvimento neuromotor, síndromes, diagnósticos precoces etc.

A título de ilustração podemos pensar em um caso no qual a mãe imaginou que seu filho seria lindo, perfeito, o melhor aluno, porém no momento do nascimento deste filho, esta mãe descobre uma síndrome ou alguma dificuldade inata. Deste modo, perpassamos por um confronto entre as imaginarizações parentais e, principalmente maternas e o real, o organismo.

Como sabemos, todo nascimento comporta um certo grau de angústia e um remanejamento psíquico profundo. Quando se trata de um nascimento prematuro, é uma “tempestade psíquica” que se abate sobre o casal, onde a realidade se junta à fantasia, na qual o bebê idealizado da gravidez não corresponde em nada ao bebê da incubadora (Druon, 1999, p.37).

As intercorrências clínicas presentes no nascimento dos bebês constituem-se como de extrema relevância tanto para o desenvolvimento neuromotor, quanto para sua estruturação psíquica. Diz-se isso, pois ao nascer o bebê encontra-se em estado de pura dependência, ou seja, necessita de alguém que supra suas necessidades orgânicas e inicie a transmissão do desejo, visto que este possibilitará a entrada do bebê no mundo da linguagem, da cultura.

No que diz respeito ao que se convencionou chamar de prematuridade da raça – para distingui-la da prematuridade clínica, que suscita tratamentos específicos da neonatologia – o recém-nascido humano atravessa um longo período de dependência absoluta: o risco de vida ou de morte não é uma metáfora, é real. A função do “próximo-que-socorre”, o Nebensmech de Freud, lugar habitual da mãe, assegura através dos cuidados indispensáveis à sobrevida, não somente a satisfação das necessidades, mas também e sobretudo a emergência psíquica do sujeito, ou seja, seu acesso a linguagem (Cabassu, 1997, p. 23).

Camarotti (2001) nos mostra que quando diagnosticamos determinada patologia em um bebê, independentemente de sua origem, esta acaba por produzir efeitos que vão além do problema físico, pois normalmente diante de um recém-nascido que apresenta patologia orgânica buscam-se respostas para confortar essa irrupção do imaginário construído pelos pais, mas nem sempre as fissuras para estas respostas são alcançadas, pois normalmente são interpostas pela equipe sustentada na psicopatologia e na disseminação do diagnóstico precoce.

Habitualmente essa incidência não pode ser modificada, no entanto sabemos que uma mesma patologia pode possibilitar várias representações psíquicas inconscientes nos pais, as quais serão visíveis a partir do desenvolvimento e da estruturação do bebê como sujeito. Essas representações psíquicas ocorrem devido aos pais se encontrarem impossibilitados de imaginarem um futuro para seu bebê.

Se, dada as impossibilidades reais que o problema orgânico impõe e as limitações que lhes são atribuídas pelo imaginário parental e social, um bebê “não está à altura” do que foi antecipado como futuro para um filho, se esse futuro imaginado “não lhe serve”, ou seja, não pode se postar a serviço de sua constituição psíquica e seu desenvolvimento, então os pais se encontram num impasse quanto ao exercício de suas funções (Jerusalinsky, 2002, p. 115).

O nascimento de um bebê prematuro, diagnosticado através de alguma síndrome ou com qualquer falha orgânica, instala uma angústia de saberes, diz-se isso, pois na maioria dos casos, os pais abstêm-se de seus saberes em relação ao bebê, visto que estes se encontram em assimetria com a realidade, deste modo, buscam na ciência respostas em relação a seu filho. Logo no nascimento a ciência é quem diagnostica o bebê, quem supre seus cuidados biológicos, porém o saber científico acaba por provocar um esvaziamento dos saberes parentais em relação a seu filho, entregando-o na maioria das vezes como “filho da ciência”.

O que nós constatamos, em todo caso, é a obrigação que infligimos aos pais de deixar a posição de pais-médicos, com o equipamento/vestiário que isto comporta, para se tornarem os pais do bebê em questão, do bebê que está na cabeça dos pais e não do bebê físico, objeto de tratamento (Man, Druon, Frichet, 1999, p.24).

Em relação ao futuro, Jerusalinsky (2002) aponta que a clínica das intervenções precoces se referencia no futuro; em possibilitar que os saberes dos pais sobre seus filhos advenham, visto que é justamente o futuro que está em xeque, futuro este que depende dos saberes parentais e não de repetidas indagações como: "Diganos, você que sabe: o que podemos esperar dele? Por que a este respeito nós nada sabemos" (p.131). O mesmo autor ainda nos mostra que os bebês e crianças são trazidos para tratamento quando os mesmos falham em algum ponto com relação ao que deles era esperado, ou seja, aparece um obstáculo no que esperavam ver em seu desenvolvimento, surgindo na clínica, crianças com problemas de estruturação psíquica, afetando o desenvolvimento psicomotor, a linguagem e aprendizagem.

Neste sentido, a proposta de um trabalho dirigido aos bebês e seus pais confere uma aposta de que estas crianças possam chegar mais cedo para uma intervenção multiprofissional, incluindo aí um espaço de escuta desses pais, o que poderia minimizar os efeitos graves como estruturação de sinais autísticos na infância ou sintomas que aparecem desde os primeiros meses de vida.

Para tanto, faz-se fundamental viabilizarmos os Indicadores de Risco para o Desenvolvimento Infantil, os quais foram desenvolvidos por Josenilda Brant e M. C. Kupfer, coordenação nacional e pesquisadores como: Alfredo Jerusalinsky, coordenação científica; Maria Eugênia Pesaro, coordenação técnica, caracterizando-se como uma pesquisa de cunho multicêntrico (Kupfer, Bernardino, 2018).

Em síntese foram selecionados 31 Indicadores de Risco para o Desenvolvimento Infantil, os quais foram divididos em 4 eixos conceituais subsidiados em Jacques Lacan. O objetivo dos indicadores é apontar um desajuste, uma dissintonia, um "desencaixe", onde a ausência de determinado gesto pode indicar uma suspeita a ser analisadameticulosamente no inter-relacionamento entre o bebê e seus pais. (Kupfer, Bernardino; 2018, p. 65).

Segundo Jerusalinsky (2002) os pais ou cuidadores que trazem seus bebês nos parecem e podem verdadeiramente estarem aflitos com o diagnóstico, pois possuem o receio de não saberem como lidar com tal situação. Esta incapacidade de colocar em prática seu saber inconsciente de proceder com a maternagem de seu bebê pode proporcionar uma futura negação da patologia existente, isto na tentativa de superar esta posição de não saber de como cuidar de seu filho, produzindo aí uma lacuna no tecido simbólico que estava preparado para acolher um filho.

Essa lacuna *a priori* produzida pela apresentação de um diagnóstico problemático aos pais, onde estes puderam constatar que seu filho tão previamente imaginado e projetado foge do real e esse bebê se torna algo estranho para esses pais, que acabam por não conseguir imaginar um futuro para este bebê/criança que não veio como o esperado.

ACOLHIMENTO DE MÃES

Assim como o acompanhamento clínico de bebês e crianças faz-se fundamental para sua estruturação psíquica, o acompanhamento familiar, ou seja, que envolve o entorno do sujeito faz-se crucial, pois observam-se perspicácia clínicas no âmbito das angústias perante o diagnóstico psiquiátrico/neurológico o e/ou das dificuldades de estruturação que estes bebês e crianças apresentam.

Pais e escolas buscam por respostas céleres, demandam modelos de intervenção, perdem-se em seus manejos singulares, dito de outro modo, ficam à mercê de um diagnóstico que muitas vezes chega sem mapa e, é isto que nos demandam, um mapa de respostas, um guia de respostas, as quais almejamos não responder desde uma ótica científica tradicional, mas utilizar-se da psicanálise, onde esta diz de um saber próprio do sujeito cuidador.

Mediante as contextualizações de Constantinidis et al., (2018) mães de bebês e crianças com riscos psíquicos perpassam por caminhos subjetivos de autoaceitação, a qual constitui-se em uma remarcação psíquica deste filho, ou seja, contrastando subjetivamente o filho que encobria seu narcisismo para recolocá-lo em outra rede significante. Este processo demanda movimentos em inúmeros marcadores psíquicos destas mães, bem como a remarcação do manejo com seus filhos, pois mediante algumas dificuldades de desenvolvimento estes filhos acabam demandando maior grau de “dependência” de seus cuidadores.

Fazendo referência à *práxis* de (Ferenzi, Balint e Winnicott) Almeida (2017) nos mostra que o outro cuidador é aquele que propicia ao sujeito a criação e recriação de si e suas relações sociais, porém quando há uma ruptura perante as idealizações mediante o *infans* este laço pode sofrer marcas que se observam ao longo da vida da criança.

Para tanto Almeida (2017) trata em sua dissertação de mestrado acerca do conceito da clínica da família, onde esta se dá como um lugar subjetivo, um lugar onde a pré-história do sujeito foi estruturada, idealizada, um lugar de separações, angústias, aflições, um lugar onde se constituem sintomas que chegam na criança de modo que ao intervi-los possam-se alcançar lugares outros para o *infans*.

Diante deste contexto o projeto teve como objetivo acolher essas mães, mulheres, pais e cuidadores, no sentido de levar em conta que os pais sofrem diante dos discursos patologizantes, principalmente as narrativas biomédicas que objetalizam através de diagnósticos precoces que, em inúmeros casos colocam em xeque um possível lugar que o bebê e/ou a criança possam assumir enquanto destinos possíveis de vida a estes sujeitos (Kupfer, 2022).

O marco do projeto foi acolher essa remarcação de lugares e idealizações, percorrer caminhos de construções e reconstruções, possibilitando aberturas de fala e encadeamento deste filho na dinâmica familiar e social, pois como dito anteriormente, este é um processo que produz inúmeras perdas, as quais precisam ser escutadas para a elaboração de um novo, um novo onde o desejo se restabeleça sobre este filho.

Corroborando com tal afirmação Pizzo et al., (2021) destaca que este lugar de culpabilização das mães as coloca em um lugar psíquico de desânimo o que provoca mecanismos psíquicos reversos aos necessários para esta clínica, onde faz-se fundamental que se posicionem na função materna/cuidadora e possam ressignificar este filho para assim participarem do processo de estruturação psíquica de seu filho.

Conforme Laznik (2004) quando este processo não ocorre corre-se o risco desta mãe não buscar contato com a criança, impossibilitando um espelhamento necessário para a constituição de um EU possível.

A proposta de acolhimento psicológico tomando como referência a teoria psicanalítica visou compreender as demandas dos pacientes e suas queixas, abrindo as portas da clínica para que o sujeito possa falar e fazer emergir as entrelinhas das suas queixas, utilizando-se então da associação livre, para tanto possibilitando que o desejo deste paciente possa advir para que assim possa colocar-se em tratamento e atenuar suas dificuldades perante a vida, pois ao perceber-se enquanto parte de seu processo de adoecimento é possível tomar-se enquanto sujeito e sair de uma rede queixosa na maioria das vezes descontextualizada (Marques, 2019).

Alinhado com tais elaborações (Guerra, Marris, 2005) demarcam a clínica do acolhimento como um campo onde amplia-se a queixa do paciente, sendo trabalho do clínico mover este sujeito para um processo de implicação diante das suas demandas, sendo fundamental destacar que não se pretende atender a demanda, mas sim permitir fazer que o sujeito emerja em seu sintoma.

RESULTADOS

Os resultados nos mostraram que inúmeras são as questões que envolvem o acompanhamento na primeira infância. Tendo o projeto nos mostrado que a instauração e/ou ausência da diáde mãe-bebê, bem como fissuras neste processo constituem-se como eixos fundamentais de análise e observação para possíveis atrasos na estruturação psíquica. Estes últimos foram analisados na sala de espera, onde observou-se com maior peculiaridade as relações parentais.

Achados da pesquisa atentam para a prematuridade e hospitalização como dificuldades para o estabelecimento do laço parental, os quais são vislumbrados em narrativas que tecem as dificuldades destas mães e/ou cuidadores em estabelecerem

contato nos primeiros meses de vida do bebê, deixando-as vulneráveis a processos depressivos, bem como colocando-as em um lugar de dificuldade elaborativa deste filho que vem ao mundo de um modo diferente do idealizado.

Síndromes também são potenciais indicativos de entraves no manejo da parentalidade, pois conforme dito anteriormente, quando um bebê vem ao mundo diferentemente do imaginado, este precisa ser narrado e tecido de outra maneira para que assim possa adentrar no percurso de simbolização. Tais narrativas foram propiciadas nos acolhimentos destas mães, onde entendemos que narrar é recontar e ressignificar uma história.

Atrasos no desenvolvimento diagnosticado com prevalência na contemporaneidade com autismo formaram-se como fundantes da práxis, pois em sua maioria as crianças diagnosticadas precocemente perpassam por um percurso amplificadamente complexo, sendo alvo de inúmeras intervenções biomédicas, assistências, educativas, sem em qualquer tempo se questionar o contextos onde estrutura-se determinado atraso ou gesto que possa ser indicativo de autismo.

Questões interligadas a vulnerabilidade social e cultural também constituíram-se como achados e questionamentos do projeto onde mães em desamparo social acabam por projetarem em seus filhos algo da ordem da obturação de faltas que lhe acometem, tais como: O abandono do pai/marido; as dificuldades financeiras, esta última atrelada a busca por auxílio-inclusão.

Por fim, entende-se que o projeto pode dar maior visibilidade as peculiaridades da primeira infância, a importância da observação da diáde parental, bem como o acolhimento dessas mães/mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida nos mostrou a marca estruturante dos primeiros anos de vida, onde as intervenções precoces constituem-se como impreteríveis para possíveis estabelecimentos de diagnósticos futuros de autismo, psicose, dentre outros.

A observação da diáde mãe-bebê nos possibilitou ter uma maior compreensão e articulação entre aquilo que é narrado no acolhimento da mãe e visível nas interações do brincar, pois pode-se ter mais acuidade clínica quanto a especificidades da inter-relação que se estabelece no âmbito clínico e contextual de cada infância em atendimento.

Consideramos impreterível nos debruçarmos acerca dos diagnósticos imprecisos na primeira infância, pois estes acabam por desviar possíveis caminhos de vida psíquica para estas crianças, dito de outro modo, diagnósticos de autismo multiplicados em crianças em atrasos no desenvolvimento vem nos mostrando futuros engessados, estruturações psíquicas de outros âmbitos, as quais se fundem justamente pelo aniquilamento do saber dos pais acerca de seus filhos.

As intervenções precoces são em suma um lugar clínico para produzir uma história outra à estas crianças, produzindo narrativas às mães e/ou cuidadores para que possam simbolizar de outro modo esta criança.

NOTA DA AUTORA

A utilização dos Indicadores de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDI), embora importante para orientar práticas clínicas precoces, também deve ser problematizada a partir da filosofia crítica de Michel Foucault. O filósofo mostra como, desde o século XVIII, a medicina e a psiquiatria constituíram-se como saberes de vigilância e normalização, voltados menos à etiologia das doenças e mais à gestão das condutas e ao governo da vida (Foucault, 1979/2006). Assim, indicadores clínicos, quando convertidos em ferramentas normativas rígidas, podem transformar a infância em um espaço de antecipação diagnóstica, onde cada atraso ou diferença é lido como sinal de risco.

Nesta perspectiva, os IRDI podem ser compreendidos como parte de um dispositivo de saber-poder: um conjunto de técnicas que, ao pretender garantir prevenção e cuidado, corre o risco de instaurar uma “clínica da suspeita” — em que o futuro da criança é constantemente monitorado sob a ótica da patologia. Como lembra Foucault (2006), a psiquiatria opera não pela descoberta de causas, mas pela nomeação de condutas e pela inscrição do sujeito em classificações que o antecedem. Aplicado à infância, isso pode significar a produção de identidades diagnósticas antes mesmo que o sujeito se constitua como tal.

Importante advertir que o uso dos IRDI deve ser sempre mediado por uma escuta clínica que preserve o advir da criança e a singularidade de cada história, evitando que o risco se torne destino. Ao invés de “engessar vidas” em diagnósticos precoces, trata-se de sustentar práticas que reconheçam a infância como tempo de abertura, e não como objeto de normalização antecipada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maíra Lopes. A escuta da família frente ao diagnóstico de autismo da criança – um estudo psicanalítico. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 2017.

ARAGÃO, R. **O bebê, o corpo e a linguagem.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

CABASSU, G. Palavras em torno do berço. In: WANDERLEY, Daniele de Brito (Org.). Palavras em torno do berço: intervenções precoces, bebê e família. Salvador: Ágalma, 1997.

CAMAROTTI, M. C. **Atendimento ao bebê: uma abordagem interdisciplinar.** São Paulo: Casa do psicólogo, 2001.

CONSTANTINIDIS, Teresinha Cid; SILVA, Laila Cristina da; RIBEIRO, Maria Cristina Cardoso. "Todo mundo quer ter um filho perfeito": vivências de mães de crianças com autismo. **Psico-USF**, v. 23, p. 47-58, 2018.

GUERRA, Andréa Márис Campos. A psicanálise no campo da saúde mental infanto-juvenil. **Psychê**, v. 9, n. 15, p. 139-154, 2005

JERUSALINSKY, A. **Para compreender a criança: Chaves Psicanalíticas**. São Paulo: Instituto Langage, 2011.

JERUSALINSKY, J. **Enquanto o futuro não vem: a psicanálise na clínica interdisciplinar de bebês**. Salvador: Ágalma, 2002.

JERUSALINSKY, J. **Inclusão e primeira infância: filiação, sonho e enigma na clínica da estimulação precoce. Escritos da Criança – 20 anos de educação inclusiva**. Porto Alegre, 2016.

KAMERS, M. O brincar no primeiro ano de vida. Trabalho de Conclusão de Curso – (Bacharelado em Psicologia) – Universidade Regional de Blumenau – FURB. Blumenau, 2001.

KUPFER, M. Cristina. Psicose e autismo na infância: problemas diagnósticos. **Estilos da clínica**, v. 4, n. 7, p. 96-107, 2022

KUPFER, Maria Cristina Machado; BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. As relações entre construção da imagem corporal, função paterna e hiperatividade: reflexões a partir da Pesquisa IRDI. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 12, p. 45-58, 2009.

LAJONQUIÈRE, L. de. **De Piaget a Freud**. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

LAZNIK, M. C. (2004) Introdução. In M. C. Laznik, **A voz da sereia: O autismo e os impasses na constituição do sujeito**. Salvador, BA: Ágalma.

MAN, M; DRUON, C; FRICHET, A. Intervenções psicológicas em neonatologia. In: WANDERLEY, Daniele de Brito (Org). Agora eu era o rei: os entraves da prematuridade. Salvador: Ágalma, 1999.

MARQUES, Douglas Felipe Murta. Acolhimento em saúde mental: os desafios da escuta. **Pretextos Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 4, n. 7, p. 68-73, 2019.

PAVANI, Fabiane Machado et al. Covid-19 e as repercuções na saúde mental: estudo de revisão narrativa de literatura. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 42, 2021.

PIZZO, Giovana Malavolta et al. **Narrativas maternas sobre o diagnóstico de autismo: caminhos e impactos**. 2021.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998



CAPÍTULO 2

AUTISMO, EDUCAÇÃO MUSICAL E POTENCIALIDADES

Deise Priscila Delagnolo

RESUMO: Objetiva-se apresentar ao leitor um lugar estrutural para o autismo dentro da teoria psicanalítica freud-lacaniana, bem como tensionamentos acerca dos diagnósticos equivocados de autismo e seus efeitos para a estruturação do sujeito. Para tanto, traz-se vinhetas clínicas que aludem os pressupostos de uma intervenção referenciada na potencialidade das singularidades dos sujeitos. As sustentações teóricas se deram em buscas de autores que refletem acerca da estrutura autística muitas vezes excluído em metodologias que visam o apaziguamento das diferenças e das métricas escolares e de uma psicologia estritamente positiva e biomédica.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo; Estruturação psíquica; Família; Educação Musical.

INTRODUÇÃO

Percebe-se, nos mais variados contextos sociais contemporâneos, uma crescente demanda por diagnósticos de autismo, bem como a proliferação de diagnósticos imprecisos. A teoria psicanalítica, contudo, adverte sobre os efeitos desses diagnósticos na estruturação do sujeito (Jerusalinsky, 1994).

O presente artigo parte do pressuposto da necessidade de uma revisão teórica acerca do lugar estrutural do autismo dentro da psicanálise. Tal revisão permite refletir se estamos, de fato, manejando casos de autismo ou se nos deparamos, antes, com uma necessidade de produção diagnóstica própria do contexto em que vivemos.

Para sustentar essa hipótese, apresentam-se vinhetas de um caso clínico de diagnóstico equivocado de autismo, bem como seus desdobramentos junto à família, à escola e à utilização específica da educação musical. Esta é considerada um movimento de aposta no sujeito e em sua imersão simbólica.

O objetivo consiste em demonstrar, por meio da clínica e da educação, as potencialidades dos sujeitos, deslocando o foco da eliminação dos sintomas para a valorização dos gestos do paciente, tomados como significantes de uma produção simbólica encadeada em expressões musicais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos fundamentaram-se em uma revisão narrativa de autores que discutem as especificidades da estruturação autista.

As explorações científicas foram realizadas nas bases de dados CAPES e Scielo, considerando como recorte temporal as produções publicadas entre 2017 e 2023. As palavras-chave utilizadas nas buscas foram: *Psicanálise e autismo* e *Psicanálise, autismo e estruturação psíquica*.

O manejo das especificidades do caso foi orientado por autores contemporâneos, reconhecidos como referências atemporais nos estudos sobre o autismo e suas singularidades.

NOTAS SOBRE A ESTRUTURAÇÃO PSÍQUICA NO AUTISMO

Para iniciar esta escrita me deparo com indagações e angústias, pois alguns gostariam de ler o autismo desde um lugar, outros de outro, haveriam ainda outros e muitos outros, mas preciso responder à mim mesma em um gesto que ecoa uma escuta singular: Existem esses outros, os autistas, àqueles que vivem sob as bordas.

Não há pretensão etiológica, histórica, meu movimento de escrita não recorta a deficiência, a doença, o estranho da psicanálise. Meu recorte é o de uma estrutura, uma estrutura de apostas, minha escrita é desde um lugar que coloca o autismo em uma quarta estrutura. Pois sim, não se trata de uma psicose como irei transcorrer, e, obviamente muito distante de uma neurose ou desejaríamos colocá-los em uma estrutura clássica? (Colocando-os em um lugar patologizante?) Os movimentos de alguns clínicos seriam estes, porém, o autismo é por si uma estrutura de apostas.

Cabe ressaltar que não há unanimidade no âmbito psicanalítico em relação ao manejo do autismo enquanto uma quarta estrutura, contudo nossos movimentos subsidiam-se nos ensinamentos de Lacan e da hipótese inicial dos psicanalistas Rosine e Robert Lefort, os quais afirmam ser o autismo outra estrutura em um pressuposto teórico de uma subjetividade alocada diante das neuroses, psicoses e perversões, tendo um modo peculiar de funcionamento (Cavalcante, Lisboa, 2021.).

Contribuindo com esta discussão Catão, Vivés (2021) discorrem sobre esta distinção conceitual na questão diagnóstico-estrutural do autismo, apontando as imprevisibilidades teóricas até mesmo entre os psicanalistas lacanianos, onde a falta de consenso teórico conduz por um lado o autismo a uma clínica das psicoses, ou seja, ao lado da esquizofrenia e a paranoia.

Os autores acima citados ainda fazem menção às perspectivas teóricas que alocam o autismo enquanto um impasse precoce na estruturação subjetiva (Catão e Vivés, 2021).

Para sustentarmos estas afirmativas, trazemos o desenrolar da constituição do sujeito sob a perspectiva psicanalítica, para assim podermos dar lugar ao autismo e suas peculiaridades enquanto estrutura clínica, extrato teórico que sustenta este trabalho.

Sabe-se através das articulações psicanalíticas que um bebê ao nascer já possui uma narrativa sobre si, dito de outra maneira já é um “suposto sujeito”, constituído assim de uma pré-história que envolve a escolha de seu nome, as produções subjetivas de seus cuidadores e familiares que antecipam sua chegada enquanto ser biológico. Esta narrativa envolve a produção de fantasias as quais constroem um bebê ideal, um filho ideal, podemos assim afirmar que os bebês e os filhos são construídos de histórias que são dadas em sua pré-história, as quais adentram no cenário de seus nascimentos e no desenrolar de suas vidas (Santos, 2021).

Para ilustrar esta afirmação trazemos as palavras que ecoam nos discursos parentais que antecipam a chegada do bebê ao mundo enquanto organismo: “Meu filho vai ser...” “Meu filho vai ter este nome porque...” “Meu filho vai dançar como a mamãe...” Os balbucios e as canções que fazem circuitos significantes sob a barriga da mãe... Todos estes são ecos de uma pré-história, da constituição de um ideal.

Para tanto, em seus escritos sobre o narcisismo Freud (1914-1916/1996) nos mostra que o nascimento de um filho possui inúmeros desdobramentos psíquicos no âmbito do narcisismo parental, o qual remete à extensão da dinâmica familiar, da dinâmica narcísica dos pais, onde seria reivindicado ao filho suprir as próprias faltas de seus pais (Freud, 1996).

Mas por que um trabalho sobre o autismo se debruçaria à pré-história de um sujeito? Justamente porque os traços idealizados cumprem papel fundamental na dinâmica psíquica que envolverá o lugar do *infans* no mundo e na narrativa parental, mais que isto, e se estivermos falando de um bebê que nasce com dificuldades de desenvolvimento? Se for prematuro? Se precisar de uma UTI? Digo, se este bebê não cumprir enquanto corpo com aquilo que foi idealizado pela fantasia parental?

Não se pretende afirmar que o fato do bebê ocupar um lugar desabitado destas representações primitivas lhe colocará em um processo de rupturas em sua estruturação psíquica, contudo salientar que este escopo pode se constituir enquanto indicativo de uma dificuldade no desenvolvimento e, em alguns casos a instauração de uma estruturação autística, psicótica.

Contudo, partindo do movimento de alienação e separação, e do processo especular fundamental para a inserção do sujeito no universo simbólico, torna-se fundamental discorrermos sobre o movimento da mãe e/ou àquele que cumpre esta função para que possa tomar o bebê como seu para produzir significados aos gestos primordiais do bebê, pois sabe-se desde a teoria psicanalítica que o bebê nasce um puro ser biológico e se faz necessário o movimento de tomada narcísica da mãe para produzir simbolicamente os gestos-reflexos do bebê (Espindola, 2022).

Desde os estudos freudianos com relação ao desamparo inicial do ser humano, os quais colocam-se em um ordenamento de fragilidade e indefesa faz-se então importante trazermos as contribuições de Winnicott (1975) que trata a comunicação do bebê como um gesto de desemparo e dependência, ou seja, para que haja o ordenamento da fantasia e da produção de significados faz-se necessário que a mãe represente o ambiente e os gestos do bebê oferecendo simbolismos aos gestos pré-verbais (Pereira, 2019).

Neste movimento é fundamental referenciarmos o Estadio do Espelho que foi teorizado por Jacques Lacan (1949) e cumpre função fundamental para a estruturação do EU, tendo relação com as identificações desenroladas entre os seis e os dezoito meses de vida do *infans*.

Trata-se do processo de reconhecimento de si em seus gestos primordiais através do Outro primordial, onde a estruturação do Eu se dá em meio à uma ilusão, dito de outra maneira, perpassando pela identificação dos significados oferecidos pelo Outro primordial, o bebê se vê nos gestos significados e passa a produzir-se em um dentro e fora, este dentro e fora se dá através da imersão no universo simbólico, diante da ausência deste Outro, o qual oferece sua falta perpassando assim pelo processo de simbolização (Dos santos, 2020).

O olhar da mãe e a significação dos movimentos primitivos do bebê traz à tona então a estruturação de uma identidade, estando o sujeito alienado ao desejo da mãe, em termos psicanalíticos como objeto de seu desejo, em um lugar de falo, de completude mãe-bebê.

Contudo para que haja a ruptura com esta alienação, deste lugar de falo é fundante na estruturação psíquica a imersão do significante paterno, a imersão do nome-do-pai, da função paterna, onde há um corte nesta diáde para então haver a entrada da falta-a-ser no movimento de estruturação psíquica Sakiyama, Campos (2016).

Para tanto, nos utilizamos dos conceitos utilizados por Winnicott (1975) para ilustrarmos um modo de vislumbrarmos este processo. Para o autor a experiência de onipotência do bebê constitui-se em uma série de prazer/desprazer, pois antes

experienciada a presença onipotente da mãe, esta passa a ausentar-se provocando certo movimento tensional o que provocará no bebê uma necessidade de satisfação pulsional, é, neste sentido que diante da ausência do seio da mãe que o bebê passará a utilizar-se do brincar e de suas repreensões para adentrar no universo simbólico (Winnicott, 1975).

Após nos debruçarmos a estruturação psíquica diante dos aspectos de uma previsibilidade neurótica adentramos no universo do autismo e suas especificidades estruturais.

Desde a ótica psicanalítica o autismo não é visto como uma doença, mas sim uma estrutura psíquica, estando então ao lado das clássicas estruturas (neurose, psicose e perversão). Esta afirmação é importante, pois não é fato desta clínica alcançar a cura, pois não partimos deste pressuposto, afinal se quero curar escuto doença, quero eliminar, não, a aposta é ao contrário, o autismo é o autismo, é constituído por elementos como sua relação com os objetos, duplos especulares e interesses autísticos que juntos compõe a borda Autística, local onde este se situa na vida (Souza, 2021).

Para tanto, faz-se necessário apresentarmos o conceito de borda, borda autística a qual constitui-se como uma forma do autista se localizar subjetivamente, sendo esta caracterizada pelos movimentos de recusa diante a alienação, ao processo especular, o qual descrevemos anteriormente, ficando imerso entre o que Lacan denomina de Real e Simbólico.

Bordas são modalidades de autoproteção do autista contra a invasão da linguagem, parte do corpo do autista (a libido) que escoa sobre si mesmo. Na clínica com o autista, essas bordas com seus objetos e duplos localizam o gozo autístico, sintoma que não faz laço social, e corresponde ao modo como o autista se trata diante do real, suas soluções (Souza, p. 12. 2021).

Se imerso entre o Real do corpo e ao Simbólico podemos então compreender seus movimentos de recusa aos signos, a Presença do Outro, a voz, olhar, toque, dentre outros, estes movimentos de recusa se dão justamente pela dificuldade imaginária, de produzir-se através dos signos, pois diante desta perspectiva não lhe habita o movimento de alienação que se constitui como fundante a estruturação psíquica em outros quadros.

Para tanto, ao nos debruçarmos em leituras acerca da clínica com o autismo percebemos inúmeras articulações teóricas que nos conduzem ao engessamento diagnóstico, leituras estas advindas da prática sintomatológica, a qual coloca o sujeito em um bloco sintomatológico eliminatório de qualquer possibilidade de aquisição da linguagem, sendo dado a este sujeito.

Lima, Lima (2019) ao discorrerem sobre aspectos históricos desta clínica fazem menção as abordagens que tratam o autismo como a clínica do prejuízo, de tal modo que àqueles sujeitos com autismo capazes de desenvolverem-se socialmente (a seu modo) e/ou promoverem habilidades específicas são tratados como raros, utilizando-se assim de uma sintomatologia definida e engendrada exclusivamente no prejuízo e não na aposta que é o viés no qual objetiva-se este trabalho.

Este é apenas um recorte de um modo de ver e apagar o sujeito, o qual não interessa neste trabalho, interessa-nos neste demonstrar o desenrolar do sujeito autista enquanto uma estrutura clínica mediada pela aposta, para tanto, apresentamos recortes psicanalíticos dos movimentos estruturais desta clínica.

Para falarmos sobre a estruturação psíquica do sujeito com autismo partimos das conceituações de alienação e separação, as quais mostram-se nesta clínica como fundamentais para as formações psíquicas. Para Laznik (2004) o sujeito com autismo estaria fora deste movimento, dito de outra maneira, no autismo haveria uma falha no estabelecimento da função especular, onde os movimentos de significação dos atos primários na primeira infância estariam fora dos movimentos maternos e-ou do cuidador.

Balduíno e Palma (2018) nomeiam o processo de alienação mãe-bebê na clínica do autismo como um dado curto-circuito, sendo este não capturado pelo Outro primordial, dito de outra maneira, não há a tomada do bebê como um objeto fálico materno, impossibilitando a passagem da corporeidade estritamente biológica para um ordenamento libidinal e imaginário.

Azevedo, Nicolau, (2017) ao revisarem autores contemporâneos da clínica com o autismo, mais especificamente os que tratam das intervenções precoces nos mostram a importância da noção de estruturação inconsciente como linguagem, tendo o lugar do Outro papel fundamental para o advir do sujeito, estando o autista em um lugar pulsional, onde os circuitos pulsionais não se instauram de modo à adentrar no campo da linguagem, ou seja, sem significação de seus atos a priori, culminando então na não imersão no universo simbólico.

Berton, Consettin (2022), ao tratarem das distinções teórico clínicas entre a psicanálise e a psiquiatria utilizam-se dos trabalhos de Jerusalinsky (1993) para desmembrarem a temática da estrutura Autística, para tanto fazem a demarcação distintiva entre psicose e autismo. Para os autores, na psicose estaríamos diante de uma forclusão da função paterna, operando assim a função materna, esta no sentido de produzir-se como uma extensão do sujeito, enquanto diferença do autismo está em uma não inscrição desta primeira função, operando uma exclusão do Outro, dito de outro modo, ausentando-se o processo de simbolização, processo este observado desde os primeiros meses de vida do infans onde não percebe-se atos de

simbolização aos gestos primários do bebê, estaria então o autista no lugar do real. “[...] se para o psicótico cada palavra carrega seu próprio e definitivo sentido, para o autista cada palavra carrega seu próprio apagamento” (Jerusalinsky, 1993, p. 65).

Ao observarmos os movimentos comumentes em autistas percebemos atos de exclusão do universo externo, estes no sentido de colocar para fora de si aquilo que não é seu, não tem sentido, justamente por estarmos imersos em um universo onde o processo de significação e imersão simbólica perpassou por rupturas. Para tanto, Berton, Cossetin (2022) demarcam este processo como uma rejeição ao que lhe é oferecido pelo Outro, cabendo salientar que os autores traçam uma crítica ao biológico que diagnostica tal ato como mera disfunção atencional.

Estaríamos neste momento em um ponto fundamental das discussões psicanalíticas acerca da temática, onde parte-se do pressuposto que nesta clínica não estaríamos diante de um sujeito como nas demais estruturas, mas um por vir (diz porvir) pela apostila em uma clínica mediada pelo desejo do analista), justamente pela falta de um deslocamento discursivo, de uma presença materna que demarque o corpo o faça inserir na linguagem e seja atravessado pela falta-à-ser.

Corroborando com tal afirmação Laznik (2004) explora o autismo como uma falha primária no estabelecimento de um laço com o Outro, pensando esta clínica como um sujeito anterior ao sujeito, afirmação esta que leva a psicanálise a buscar e explorar caminhos de intervenção, caminhos estes onde os marcadores estão nos gestos do autista.

Quando pensamos no desejo do analista, falamos do lugar discursivo que este ocupa nesta clínica, onde seu manejo consiste em um lugar de antecipação, sendo este enlace fundamental para a construção da ordem simbólica, dito de outro modo, o analista se coloca em um lugar que faz referência ao desejo, um lugar de significação, mesmo que haja recusa, pois apostila que imerso à tantas recusas existam lugares onde possa operar algo da ordem do desejo, do sujeito, do imaginário Gonçalves, et al., (2017).

Gonçalves, et al., 2017 ao revisarem publicações acerca de aspectos históricos e do manejo clínico com autistas corroboram com investidas do lugar que ocupa o analista nos atendimentos de autistas, destacando que o holding (Conceito estruturado por Donald Woods Winnicott) do terapeuta opera como um espaço de sustentação egóica para o paciente, cabendo ao analista lançar-se como um sujeito suposto, dito de outra maneira, oferecendo ao paciente um lugar de simbolização, produção, colocando seu corpo, sua voz, seus sentidos à dispor do paciente para que possa produzir-se em um ordenamento próprio.

Primordial ao analista no acompanhamento desta clínica é seu trabalho de segurar, resistir ou conter (Gonçalves, et al. 2017) o que produz o paciente, operando assim como semelhante do papel que estaria no desejo da mãe diante do bebê, o que sabemos através da literatura não operar nesta clínica.

Falamos aqui da abertura do analista em deixar-se servir de objeto para um espaço de simbolização, mas também de cuidados básicos, dito de outro modo operando tanto na ordem biológica, quanto no universo da simbolização. Deste modo, é preciso deslocar-se conforme o sujeito, possibilitando-o a produção, mas oferecendo também espaços que referenciem o amor, a proteção, cuidados, atos estes muitas vezes ausentes nesta clínica Gonçalves, et al., (2017).

Importante salientar que diante deste paradigma o corpo do analista cumpre papel fundamental no manejo da clínica com autistas, pois ao afirmarmos que no movimento de estruturação psíquica não haveria uma mãe ou um cuidador que cumpra função especular também abrimos espaço para uma clínica do fazer-se espelho, colocando o analista em um lugar escópico.

Para tanto, Almeida, Dias (2022) revisam a noção de investimento libidinal o qual foi conceituado primeiramente por Freud e posteriormente reelaborado por Winnicott que trata do holding como um espaço tanto de sustentação física quanto psíquica, pois ao movimentar-se em um desenlace de sentidos corporais o autista demanda que ali aja alguém que lhe acolha, que faça sentido aos seus gestos primários.

ESPECIFICIDADES DO CASO: CLÍNICA, FAMÍLIA E ESCOLA

Se iniciou este trabalho descrevendo as peculiaridades do autismo para psicanálise, atentando a multiplicidade dentro desta área do conhecimento quanto à *práxis* estrutural. Mas por que atravessar a estruturação do sujeito para falar da interface clínica e arte educação com sujeitos autistas?

Movimenta-se a responder tal indagação no sentido de referenciar o leitor a vislumbrar um lugar para o autismo, bem como atentar para as especificidades clínicas desta estrutura, o que nos leva a refletir à excessividade de diagnósticos de autismo na contemporaneidade, o qual através da experiência clínica, familiar e educacional tensiona-se os efeitos dos diagnósticos equivocados de autismo, bem como os efeitos na estruturação psíquica destes sujeitos.

Com relação a excessividade de diagnósticos de autismo, bem como as demandas sociais pelos mesmos, partimos das reflexões críticas ao discurso atual, as quais baseiam-se em uma narrativa biomédica, dito de outro modo, onde qualquer movimento, gesto, comportamento que se desloque do dito esperado para tal período do desenvolvimento e/ou daquilo que a escola espera de rendimento em um discente em determinada fase escolar é tomado como patológico.

Para tanto Corrêa (2023) contribui-nos no campo dos estudos da performatividade neoliberal, onde os corpos são afetados por uma discursividade que distingue o normal do patológico. A autora nos mostra o quanto há uma necessidade da política neoliberal em produzir diagnósticos, medicalizar, como se esta fosse uma receita a ser seguida para a educação dos filhos e dos alunos.

Nosso movimento é contrário a esta discursividade, trabalhamos com diagnósticos não-decididos na primeira infância, bem como os efeitos destes na estruturação identitária do sujeito.

Para tal, trago ao leitor um caso acompanhado em uma Instituição do Estado de Santa Catarina, o qual chegou à clínica de Psicologia com diagnóstico de Autismo. A criança em questão produzia alguns movimentos repetitivos com seus dedos, achava a escola chata e indagava: Quem sou? O que é autismo? Por que estou sendo tratado como diferente? Por que eu tenho uma professora só para mim? Eu quero participar das atividades com meus amigos.

Tais recortes fazem refletir enquanto profissionais da saúde, educadores, pesquisadores os paradigmas sociais inerentes a agressividade do modelo biomédico atrelado ao discurso atual, pois em nenhum momento tal caso se compara ao autismo, pelo contrário, o sujeito é apagado pelo simples fato de brincar com os dedos.

Neste momento nos deparamos com trabalho múltiplo e educativo do profissional de Psicologia, e sua inserção no contexto escolar, familiar e a macropolítica que estrutura os entornos da clínica.

No âmbito do trabalho parental com este sujeito foram realizados atendimentos com o objetivo de acolher a demanda do diagnóstico, a ressignificação do filho no social e as angústias provenientes de um diagnóstico equivocado, mas que paulatinamente foi sendo estruturado com a família.

A escuta deste caso perpassa os horizontes do consultório e adentra no contexto escolar, perpassa pela escuta dos educadores e dos personagens que fazem parte deste diagnóstico que diz mais de uma patologia social que de uma patologia na criança.

Os trabalhos envolveram a estruturação de uma atividade em grupo escolar para desmistificar o diagnóstico de autismo, bem como os manejos com as diferenças em sala de aula.

EDUCAÇÃO MUSICAL NO MANEJO CLÍNICO – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Para além de escutar os pais nas primeiras sessões e intervir na escola durante o manejo do caso, que, como dito anteriormente, traz a amplitude da atividade clínica em seus distintos contextos, desdobra-se ao leitor a interface educação musical e clínica no manejo do caso.

Diante das queixas apresentadas, a falta de interesse pela escola e os movimentos de atenção aos próprios dedos, utilizou-se de elementos da musicalidade para adentrar no universo deste sujeito.

Ao encontro dos estudos de Sekeff (2019) subverte-se a lógica da educação musical presente no estrito imaginário dos concertos e criações homogêneas para tratar da educação musical como um movimento de criação, autorrealização e suas relações com o desejo e os movimentos pulsionais, tais quais marcados pela psicanálise freudo-lacaniana.

Conforme percebia que a atenção era direcionada aos dedos e aos movimentos repetitivos destes, fui imergindo elementos da música nas sessões, no sentido de convidar o paciente a experienciar movimentos outros aos dos próprios dedos.

Estes movimentos advêm desde um lugar de desejo do psicólogo/educador etc., em criar uma cena outra, porém sem saber de antemão os resultados destas imersões, cabendo salientar que em muitos casos a música pode colocar-se enquanto recusa do paciente.

Na especificidade deste caso, o violão tornou-se elemento simbólico das produções nas sessões. Ao tocar canções que anteriormente havia elencado com o paciente este passava a interessar-se pelas atividades e progressivamente topou o violão como um elemento de seu corpo.

Não se trata de propor uma clínica guiada por objetivos dados de antemão, mas um lugar mediado pelos simbolismos que conduzem a potencialização do sujeito, este sujeito que muitas vezes se encontra marginalizado, estigmatizado, diagnosticado, inerte em discursividades que aniquilam suas possibilidades de narrar-se enquanto sujeito.

Para a psicanálise educar é lidar com o impossível, educar é manejar o desejo, as próprias faltas do clínico, do educador para que haja uma aposta no sujeito, nos seus movimentos em direção à inserção nas potencialidades da vida Lajunquière (1999).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados teóricos acerca da estruturação psíquica do autismo na psicanálise nos permitiram dar um lugar epistemológico de sustentação para a práxis com estes sujeitos, bem como tensionar outras perspectivas vigentes em torno desta temática.

Questões relacionadas ao diagnóstico equivocado e às políticas de enquadramento da atualidade nos sustentam enquanto marca de uma agressividade mediante as potencialidades dos sujeitos.

A práxis das vinhetas clínicas do caso apresentado nos mostraram o quanto a rede de atuação dos profissionais que atuam com estes sujeitos é ampla e constitui-se como fundamento de uma ética que aposta na potência do sujeito e não na eliminação sintomática.

Por fim, a educação musical traz o abrillantamento desta clínica que se engendra pela educação e demonstra o quanto podemos investir simbolicamente nestes sujeitos, desde que opere nos movimentos de atuação uma ética que aposta no sujeito por vir.

As angústias, as faltas, as dificuldades encontradas fazem parte da aposta na potência, é justamente neste lugar onde não se sabe o que está por vim que se potencializa os sujeitos a vida e não em diagnóstico que apaziguam sintomas que muitas vezes em nada se relacionam com o autismo.

É preciso cautela ao diagnosticar um sujeito, é preciso repensar nossas práticas com frequência para que o *frisson* do neoliberalismo não nos tome enquanto uma ética que aposta no sujeito e não na eliminação do sintoma.

A teoria psicanalítica traz vastas contribuições para a atuação com estes sujeitos, das quais em próximos estudos pretende-se elencar as contribuições da especificidade clínica da psicanalista francesa Françoise Dolto (1908-1988).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luana Souza de Deus Neto; SANTARÉMPINTO, Priscila; DIAS, Tatiane Santos. O corpo do analista na clínica psicanalítica com crianças autistas. **Psicologia e Saúde em debate**, v. 8, n. 1, p. 378-395, 2022.

BERTON, Anna Carolina; COSSETIN, Vânia Lisa Fischer. Autismo: entre a psiquiatria e a psicanálise. **Salão do Conhecimento**, v. 8, n. 8, 2022.

CAVALCANTE, Anaís Oliveira Caribé; LISBOA, Milena. Contribuições da psicanálise no Acompanhamento Terapêutico de crianças: uma revisão da Revista Estilos da Clínica. **Estilos da Clínica**, v. 26, n. 3, p. 476-493, 2021.

CATÃO, Inês; VIVÈS, Jean-Michel. Sobre a escolha do sujeito autista: voz e autismo. **Estudos de Psicanálise**, n. 36, p. 83-92, 2021.

CORRÊA, M. A máquina performática: pequena coreografia de um fascismo da escola neoliberal. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2023.

DE LOURDES SEKEFF, Maria. Música e psicanálise. Trabajo de grado. Repositorio UNESP, 2019.

ESPINOLA, Danielly da Costa Meirelles et al. Do divã à polis: um diálogo entre a Psicanálise e o sistema socioeducativo. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, 2022.

FREUD, Sigmund. **A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos. Sobre o Narcisismo: Uma Introdução**. Imago (1914-1916). Rio de Janeiro, v. 14, 1996.

GESSE, Marivete; DA SILVA, Solange Cristina; NUERNBERG, Adriano Henrique. A contribuição do modelo social da deficiência para a compreensão do Transtorno do Espectro Autista. **Revista educação, artes e inclusão**, v. 15, n. 2, p. 187-207, 2019.

GONÇALVES, Amanda Pilosio et al. Transtornos do espectro do autismo e psicanálise: revisitando a literatura. **Tempo psicanalítico**, v. 49, n. 2, p. 152-181, 2017.

JERUSALINSKY, Alfredo. Psicose e autismo na infância (entrevista concedida a Diana Corso e Marieta Lucemadeira). In: CORSO, Diana; CARNOS, Gladis; OLIVEIRA, Luis, et al. (Org.) **Revista Associação Psicanalítica de Porto Alegre: Psicose**. Ano IV, n. 9, novembro, 1993.

LAJONQUIERE, Leandro (de). **Infância e ilusão (psico)pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 1999.

LAZNIK, Marie Christine. **A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito**. Salvador: Ágalma, p. 27-31, 2004.

LIMA, Patrícia Oliveira; LIMA, Vera Helena Barbosa. A criança com diagnóstico de autismo na contemporaneidade. **Cadernos De Psicologia**, v. 1, n. 1, 2019.

PEREIRA, Ana Lúcia Braz Rios. A construção da confiabilidade na relação mãe-bebê a partir do conceito de ilusão: uma perspectiva winnycottiana. **Revista Univap**, v. 25, n. 49, p. 80-92, 2019.

SANTOS, Bruno Gonçalves dos. Música e experiência psíquica: ressonâncias entre autismo e laço social. Tese (Doutorado em Ciências e Letras) – Universidade Estadual Paulista – UNESP. São Paulo, 2021.

SAKIYAMA, Carolina; CAMPOS, Érico Bruno Viana. Alienação e criatividade na constituição da subjetividade: contrapontos entre Lacan e Winnicott. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 15, n. 1, p. 26-39, 2016.

WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. Imago. Rio de Janeiro. 1975,



C A P Í T U L O 3

A POTENCIALIDADE DO BRINCAR DIANTE DAS ESTEREOTIPIAS DA CRIANÇA AUTISTA

Deise Priscila Delagnolo

RESUMO: As estereotipias definem-se como ações de repetições espaciais e temporais, não apresentando representações ou cenários onde a criança possa se reconhecer como sujeito, as quais são comumente em sujeitos com autismo. Estas sucessões de movimentos produzem um movimento sensório-motor bruto, obsceno e inútil, onde seus excessos nos mostram o sofrimento do sujeito. É neste sentido que o brincar e as produções de cenários assumem relevância, pois nestes, as crianças provocam verdadeiras e ficcionais transformações: pegam um objeto qualquer – pedra, copo, colher, papel, uma caixa, qualquer objeto que possa ser transformado em um carro, uma boneca, uma borboleta, etc. Para tanto, este trabalho constitui-se como relato de experiência realizado em uma Instituição do Estado de Santa Catarina, a qual desenvolveu-se através da práxis de Educação Musical para crianças com autismo. Neste estudo elenca-se as produções possíveis a partir das estereotipias apresentadas por uma criança que compunha o grupo de Educação Musical. Os procedimentos metodológicos englobaram observações, análise de prontuários, entrevista com os pais e intervenções atentas a produção de cenários e ao brincar. Diego (nomeação fictícia) estereotipava jogando todos os objetos que vinham à sua mão, deste modo, indagamos: Como propiciar experiências musicais com este aluno? Partindo da estereotipia de Diego, utilizamos a música como ferramenta para a construção de cenários onde o aluno pode se reconhecer como sujeito, criando, deste modo, através de sua estereotipia, um cenário necessário ao brincar. Desta forma, diante das estereotipias, incluímos elementos sonoros que possibilitaram um cenário de significações, como mostram as diversas intervenções realizadas durante o trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Estereotipias; Autismo; Brincar; Produção de Cenários clínicos; Educação Musical.

INTRODUÇÃO

Este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência realizado em uma Instituição do Estado de Santa Catarina, desenvolvido no âmbito do Estágio Curricular Supervisionado em Música – III do curso de Artes – Licenciatura em Música da Universidade Regional de Blumenau.

O objetivo da proposta foi oferecer atividades de Educação Musical para três turmas da oficina de Arte da Instituição. Durante o desenvolvimento das práticas, destacou-se o caso de uma criança, aqui identificada como Diego, que apresentava estereotipias caracterizadas pelo ato de lançar objetos constantemente. Essa situação suscitou a seguinte indagação: **como propor atividades de Educação Musical significativas para Diego?**

A fim de refletir sobre essa questão, recorremos ao referencial teórico da psicanálise, especialmente às contribuições de Donald Woods Winnicott (1896-1971). O autor destaca o brincar como um espaço potencial fundamental para a constituição psíquica da criança, pois é por meio dele que se abre a possibilidade de adentrar o universo simbólico, representar, fantasiar e elaborar experiências. Esse processo implica a presença e ausência de um Outro que introduz o sujeito no mundo, mediando o contato com os objetos, os quais carregam marcas de desejo.

Diante disso, o objetivo geral desta experiência consistiu em propor atividades que permitissem às crianças elaborar e ressignificar suas estereotipias, a exemplo das apresentadas por Diego, por meio da criação de cenários imaginários construídos com elementos sonoros.

Entendemos, assim, a educação musical não apenas como recurso de estimulação, mas como mediadora no processo de apropriação da linguagem e de estruturação subjetiva. No caso de crianças diagnosticadas com autismo, seu papel é ainda mais relevante, uma vez que pode favorecer a entrada em universos de representação simbólica e de interação com o Outro.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos adotados no presente relato constituem-se em um estudo de caso clínico e análise de materiais disponíveis na Instituição, tais como os protocolos de planejamento e intervenção da clínica psicológica.

Os estudos teóricos fundamentaram-se, impreterivelmente, nas formulações psicanalíticas acerca do brincar na primeira infância, compreendido como elemento estruturante do sujeito, assim como nas elaborações de Levin (2005) sobre a dimensão simbólica das produções cênicas.

Considerações acerca da Educação Musical foram subsidiadas pela compreensão freudiana acerca dos impossíveis da Educação, assim como do lugar simbólico dos elementos musicais no processo de estimulação e iniciação musical, considerando-se que tais aspectos são indissociáveis.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Sabe-se por meio das contribuições da psicanálise e de outras teorias do desenvolvimento infantil, que o bebê nasce como puro ser orgânico sendo-lhe primordial alguém que supra suas necessidades biológicas, alimentando-o e higienizando-o. Entretanto, estes cuidados primoriais não se constituem como garantia para que o bebê possa advir como sujeito do desejo, da linguagem e da cultura.

En quanto organismo, o recém-nascido é, como qualquer outro animal, um sujeito da necessidade. Porém, tanto pela enfermidade biológica que caracteriza o "filhote humano" (como falava Lacan) quanto pelo próprio fato de nascer no seio de uma organização social, a satisfação de suas necessidades sempre implica em si mesma o auxílio de semelhante, em geral, a mãe (Lajonquiére, 1992, p. 154).

O bebê não é somente um organismo, mas também um corpo que necessita não apenas do alimento e de cuidados com sua higiene, mas também do investimento do Outro. A partir do nascimento, o bebê é introduzido em um universo simbólico, constituído pelas palavras e dizeres dos pais sobre ele. É nessa relação que se produz a suposição de um sujeito no bebê, primordial para a estruturação de seu psiquismo (Pinheiro, 2004).

O Outro primordial antecipa uma significação para aquilo que se passa com o bebê. Diante do choro do bebê, inicialmente puro reflexo, a mãe interpreta este como um pedido, levando seu seio até a boca do bebê, dando a ele a ilusão de ter criado este seio, experiência que Winnicott (1975) denominou de ilusão de onipotência do bebê. Porém, não se sabe se o bebê chorava por fome, mas a mãe interpreta esta ação, assim como faz para outras, por exemplo: O bebê chora e ergue seus braços, a mãe diz: Ele quer colinho da mamãe, quer? Estes atos que são significados pela mãe, são exemplos da suposição de um sujeito no bebê.

É neste sentido que as contribuições de Winnicott (1975) assumem relevância. O autor destaca a importância do brincar na constituição do sujeito, teorizando-o sob os conceitos de atividade criativa primária, espaço potencial e objetos transicionais. A atividade criativa primária representa-se na ausência da mãe ou quando esta não responde imediatamente ao bebê. Winnicott (1975) aponta que neste momento instala-se a percepção do bebê de que ele e sua mãe não são uma unidade, não estão em fusão.

Dante deste mal-estar produzido pela falta do objeto do desejo que primeiramente é a mãe, se dará o que Winnicott (1975) denomina de atividade criativa. É neste tempo que surgem os objetos transicionais, deste modo, é diante da falta, do mal-estar produzido pela perda da mãe como parte de si, que os bebês passam a brincar, criar com objetos que lhes proporcionem prazer.

[...] o ambiente já não é mais simplesmente a mãe, mas o espaço potencial entre a mãe e o bebê, sustentado, contudo, pela mãe-ambiente. Nesse "entre" os dois, acontece um desenvolvimento extremamente importante no relacionamento objetal dos bebês: a mãe objeto subjetivo e parcial (seio) passa a ser substituída e simbolizada por objetos transicionais (Loparic, 2007, p, 36)

Neste sentido, Winnicott (1975) propõe que os objetos e fenômenos transicionais caracterizam-se como uma área de experiência, entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, assim sendo, brincando o bebê cria e inventa-se como sujeito. Para Winnicott o objeto transicional é o primeiro brinquedo, sendo ao mesmo tempo a utilização do primeiro símbolo e da primeira brincadeira. O brincar é, além de uma busca de prazer, uma forma de lidar com a angústia.

Até aqui estamos relatando o que se pode entender como um processo "normal" para a estruturação de qualquer sujeito, porém sabemos das implicações deste na constituição do sujeito. Deste modo, adentramos nas possibilidades de falhas neste processo, assim sendo, articulamos ao caso clínico apresentado neste trabalho e as possibilidades de intervenções as quais referenciam-se ao produzir-se cenários e brincar diante do sintoma das estereotipias.

Aragão (2005) destaca que a construção de um filho envolve inúmeros trabalhos psíquicos maternos: passagem do lugar de filha para o de mãe, não deixar de ser mulher, criação de um espaço psíquico para o bebê, reviver experiências como filha, tornar o bebê objeto de projeção narcísica, etc.

Maternar, significar atos, tornar-se ausente, implicam em inúmeras questões para o sujeito que consiste no que se denomina de função materna. Neste sentido apresentamos o caso de Diego, o qual não apresentava patologias a níveis cerebrais, porém não andava e não falava, mas, frequentemente estereotipava jogando todos os objetos que vinham até as suas mãos.

Onde estão as falhas na constituição deste sujeito? Desde as contribuições da psicanálise, sabemos que andar e falar não são processos naturais. Estes, consistem em uma organização produzida a partir da relação da criança com o Outro parental. Isto é, quando se produzem fraturas nesta relação temos como efeito uma desorganização psíquica e corporal da criança, como podemos observar no caso das estereotipias.

Sobre as estereotipias, Levin (2005) nos mostra que uma criança desejante se preocupa com o novo, enquanto a criança que estereotipa não se preocupa com este novo, sendo insensível a novidade, ou seja, está o tempo todo ocupada estereotipando-se na estereotipia.

Levin (2005) define as estereotipias como ações de repetições espaciais e temporais, não apresentando representações ou cenários onde os sujeitos possam reconhecer-se. Estas sucessões de comportamentos produzem um movimento sensório-motor bruto, obsceno e inútil, onde seus excessos nos mostram o sofrimento do sujeito.

Neste sentido faz-se relevante apontar as proposições do autor acerca da produção do Outro espelho. Para ele, os atos da criança devem ser capturados numa lógica discursiva que possibilite uma metaforização, a produção de significações para os atos primários do bebê. Sendo nossa função produzir um Outro espelho, adentrando no universo da criança, mesmo que isso pareça absurdo (Kamers, 2005).

Diego jogava todos os objetos que vinham às suas mãos. Como possibilitar que Diego perasse pela experiência com objetos sonoros e/ou instrumentos musicais? A cena começa com uma imagem na qual se encontra uma criança que pouco a pouco ou nada percebe do mundo ao seu redor. Nicole (outra paciente/estudante do grupo) está absorta em si mesma e não dá nenhum sinal de movimento, pensando dentro de si. Está no que se costuma chamar de real, ou seja, naquele momento está impossibilitada para atividades simbólicas (Silveira, 2005, p. 45).

Nosso cenário começa com Diego estereotipando jogando várias massinhas de modelar, após inúmeras repetições deste comportamento, pergunto a Diego: Vamos brincar de bolinhas? O que você acha? Seus olhos parecem me responder que lhe agrada a ideia proposta. Pego um pedaço de massinha de modelar e crio uma bolinha. Digo a Diego: Diego eu vou jogar a bolinha para você e deves me devolvê-la. Diego responde jogando a bolinha distante de mim. Então digo: Não vale Diego, eu quero a bolinha para mim!

O que você acha de darmos um nome para a bolinha? O que você acha de Jujuba? Digo: Está bem, lá vai a Jujuba, primeiro a Jujuba vai voar (Jogo a bolinha no alto, produzindo sons que representam o ato de voar) e depois ela vai visitar você, mas a Jujuba tem que voltar porque ela gosta de voar. Digo: Lá vai a Jujuba (Jogo a bolinha na cadeira de Diego), Diego procura Jujuba em sua cadeira e responde devolvendo-me a bolinha. Respondo entusiasmada: Eeee! A Jujuba voltou, agora ela vai voar novamente e depois visitar você.

As estereotipias constituem-se como um ponto de partida para a produção cênica e o brincar, pois são estas que refletem a urgência de significações e é inserindo-as em um cenário que se possibilita a criação, o inventar-se como sujeito (Levin, 2005). A criança inventa brincando ou brinca inventando. Sem esta dimensão ficcional e cênica o universo representacional da criança não se pode construir (Levin, 2002).

Ao reencontrar-me com Diego, reinicio a produção do nosso cenário. Digo: Lá vai a Jujuba Diego, o que você acha de continuarmos com a nossa brincadeira? A aula proposta na instituição para este dia objetivava a produção de janelinhas com flores a serem entregues para as mães. A professora leva a janelinha até Diego e ele instantaneamente joga-a. Tínhamos iniciado um cenário, porém havia a necessidade de incluir Diego nas atividades da oficina de Artes, então utilizava-me destas, para complexificar e inserir novos elementos em nosso cenário.

Reiniciando o cenário digo: Diego, lá vai a Jujuba, ela vai voar e depois visitar você, lá vai ela! Diego sorri e responde me devolvendo Jujuba. Digo: Diego o que você acha da Jujuba ter uma amiguinha para voar. Comunico-me com Diego através do olhar, e este parece responder-me sim a indagação proposta. Então agora a Jujuba vai brincar com a Maria que está ali na janelinha que você vai dar para sua mãe, lá vão as duas. Digo: Diego elas vão visitar você agora, mas o que você acha de esconder-se delas para elas te procurarem? Passo atrás de uma cortina com Jujuba e Maria e produzo sons de passarinhas enquanto levo-as em direção de Diego. Diego esconde-se atrás da cortina, no momento em que Jujuba e Maria chegam, Diego sai detrás da cortina e segura-as por alguns segundos, responde jogando-as para mim e reinicia-se o cenário.

A dificuldade ou impossibilidade da invenção cênica marca as dificuldades do universo representacional simbólico da criança, pois se ela não inventa, não pode se desdobrar, se metaforizar em outras cenas, não pode tecer sua rede. As invenções são metáforas vivas em cena, cuja vida é a ficção que as causa, ao mesmo tempo que as instala inventando-as Levin (2002)

Na última intervenção realizada com o menino Diego, novamente utilizei os objetivos da aula para ampliar nosso cenário. A atividade da oficina consistia em pintar lixas. Percebo que Diego estava curioso com a atividade, a professora leva a lixa até Diego, solicitando que este a pinte, Diego prontamente joga a lixa e o giz de cera e olha para mim. Olho para Diego e digo: Diego vamos brincar de Jujuba e Maria? Mas Diego, elas viajaram e deixaram esta lagartixa (lixia) para brincar conosco. Pego a lagartixa e digo: Vamos transformá-la em um avião? Começo a voar com o avião (Produzindo sons de avião), levo-o até Diego, este esconde-se atrás da cortina, chego perto de Diego e digo: o avião caiu, e agora? Diego joga-o no chão e produzo sons de explosão com um instrumento denominado de tamborim. Digo: Diego o avião explodiu e virou lagartixa, vamos recuperar nosso avião? Diego esconde-se atrás da cortina e remontamos nosso avião.

É neste sentido que o brincar e as produções de cenários somente assumem relevância na relação do Outro com a criança, pois é nesta que as crianças podem produzir verdadeiras e fissionais transformações: como pegar um objeto qualquer – massa de modelar e lixa e transformá-los em Jujuba, Maria, Avião, etc.

As reflexões acerca da necessidade de cenários apontadas por Levin (2005) e sobre o brincar elucidadas por Winnicott (1975) nos mostram a importância da intervenção precoce em crianças com Transtornos Globais do Desenvolvimento e em muitos casos diagnosticadas com autismo. Sendo de suma relevância, pois possibilitam que seja aberto um espaço imaginário e simbólico para a existência do sujeito do desejo.

Winnicott (1975) nos mostra que o ato de brincar constitui-se em uma criação, algo que se inicia no momento em que a mãe apresenta ao bebê objetos que devem ser criados diante de sua falta. “É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação” (Winnicott, 1975, p. 79).

Brincar é criar, em outras palavras, é criar diante da angústia, da falta-desejo na relação com o Outro. Neste sentido, faz-se relevante referenciarmos o jogo do Fort-Dá freudiano, o qual estruturasse na dialética da presença e da ausência. Freud observou que seu neto brincava quando sua mãe se tornava ausente, jogando para longe os objetos que estivessem próximos de suas mãos. Esse gesto era acompanhando por uma expressão de satisfação que assumia a forma vocal de um “o-o-o-o”, no qual se reconhecia o significado alemão fort, isto é, “fora” (Roudinesco, 1998). Um dia, o menino realizou esta brincadeira usando um carretel preso a um barbante: atirava o carretel, acompanhando o movimento com um “o-o-o-o”, e depois, puxando o barbante, fazia-o voltar, saudando o carretel com a expressão da, “aqui”! (Roudinesco, 1998). Se num primeiro momento a mãe, ou qualquer sujeito que cumpra essa função, reponde imediatamente aos desejos do bebê, num segundo momento esta se torna ausente. O jogo do Fort-Dá consiste no brincar com esta dialética da presença e ausência do objeto primeiro de satisfação, dito de outro modo, a criança que brinca, brinca com a falta, com a ausência, e é através desta que a criança adentra no universo do desejo, da cultura, do criar.

Estas experiências de presença-ausência e ilusão-desilusão são fundamentais para a estruturação do sujeito desejante, visto que estas produzem o registro da falta, dito de outro modo é somente através da falta que pode reconhecer-se e inventar-se como sujeito e isto se dá impreterivelmente através do criar, do brincar na relação com o Outro.

Por fim, retornando ao caso de Diego, podemos pensar que seus movimentos de repetição (jogar todos os objetos que vinham às suas mãos) consistiam em tentativas de elaboração sobre a ausência, semelhante ao que Freud observou no primeiro tempo do Fort-Da, porém era preciso criar um espaço que instalasse a dinâmica da presença-ausência, para que assim Diego pudesse repetir e inscrever a falta, para depois elaborar e simbolizar a ausência.

E A EDUCAÇÃO MUSICAL?

Em minhas primeiras experiências na Educação Musical com crianças autistas e/ou com atrasos no desenvolvimento fui amplamente questionada se os estaria educando musicalmente, para tanto, vali-me de considerações da Arte enquanto possibilitadora da expressividade do sujeito e desta como estímulo para seu desenvolvimento e estruturação psíquica.

As considerações da psicanálise com relação a impossibilidade da educação também convergem com os subsídios da práxis, pois conforme nos ensina Freud (1976[1925]; 1975[1937]) ao desdobrar-se sob tal adjetivo no ato educativo, educar significa lidar com a impossibilidade, dito de outra forma, quando atuamos em contextos atinentes ao processo civilizatório estamos sempre mediante algo que nos escapa, que não é possível antecipar no ato.

A impossibilidade na educação é uma das afirmações de Freud (1976[1925]; 1975[1937]) mais citadas por aqueles que trabalham na interface da psicanálise e da educação. Esse impossível repetidamente vem se inscrevendo como mal-estar na prática educativa e em suas inovações e pode ser lido a partir das manifestações sintomáticas de cada tempo, o que nos faz acreditar que a exclusão resistente na proposta de inclusão possa ser considerada um 33 dos nomes do “impossível da educação” que se manifesta na atualidade escolar através dos impasses na vivência da diversidade (De mesquita, 2017, p. 35-36).

Contraria-se então, concepções de Educação Musical que estejam tradicionalmente atreladas por escolhas e interesses baseados em uma espécie de reprodução de algo que está dado e legitimado no âmbito do tradicionalismo musical. (Cunha, 2020).

Para tanto, sustenta-se o espaço da criatividade, inventividade e curiosidade, processos que retiram o sujeito do lugar de receptor do conhecimento para estimulá-lo à vida, ao desenvolvimento de seu potencial criativo (Lino, 2008).

Para tanto, faz-se valer de debates acerca da experiência, expressividade e Arte, triangulando-as com a educação, infância e a cultura, as quais muitas vezes são desconsideradas na prática docente, ou seja, desconsiderando a potencialidade da criação e da ludicidade (Barbosa, Voltarelli, 2021).

As considerações do psicanalista Donald Woods Winnicott (1975) e Esteban Levin (2005) estruturaram a práxis e solidificaram o desenvolvimento de ateliês criativos, onde o produto artístico não se torna o fim, mas sim o movimento criativo, o qual envolve inúmeros operadores psíquicos e constitui-se em muitos casos como um estímulo único de intervenção para o sujeito.

As experiências perpassadas indicaram-se crianças que perpassam por atrasos em seu desenvolvimento advindos de ambientes familiares vulneráveis, onde em um só tempo não se pode de antemão constatar uma clínica e educação para autistas, mas sim, sujeitos com vulnerabilidades que levam a atrasos em seu desenvolvimento.

Para tanto, Winnicott nos questiona acerca da observância do ambiente na constituição do self do sujeito, envolvendo-nos na estruturação de uma ambientação que acolha a criança de modo que suas necessidades possam ser satisfeitas por alguém com disponibilidade a atendê-las Winnicott; Britton (1984/1999).

EM QUE A MÚSICA TEM A VER COM ISSO?

Atrela-se a musicalidade como uma linguagem outra, onde o sujeito possa se reconhecer em um lugar outro, de novas inscrições psíquicas, entende-se que através da música pode-se criar um ambiente acolhedor ao sujeito, onde este possa experimentar-se e expressar-se.

Levin (2005) ampara a criação de espaços cênicos, da movimentação do desejo de incluir o sujeito em algo, algo que de antemão não se sabe onde vai dar, mas um meio fantasioso onde algo possa surgir, onde algo da expressividade deste sujeito possa aparecer para seu desenvolvimento e estimulação.

Minha experiência tem demonstrado que a Educação Musical é um meio vigoroso para crianças em atrasos no desenvolvimento, pois esta constitui-se como um estímulo potencial, um estímulo onde o corpo do analista transmite algo que não se sabe, algo da ordem do desejo amparado na sonoridade.

Por fim, maneja-se a educação musical em seu mais estrito processo, onde atividades de iniciação musical possibilitam ao sujeito não apenas a aprendizagem de signos musicais, mas também a apreensão de uma linguagem outra, por isso o manejo é uma interface entre clínica e educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos desenvolvidos no que podemos denominar de ateliês musicais têm demonstrado a potência dos significantes musicais no processo de aprendizagem e apreensão simbólica, tornando-se ferramentas com vasta amplitude clínica e educativa.

Pacientes e alunos que fizeram parte até então dos trabalhos têm demonstrado interesse pelos estímulos em iniciação musical por meio do brincar e da produção cênica, principalmente nos casos de estereotipias, gesto este composto na tecitura clínica deste artigo como significante para a apropriação simbólica na criança.

Percebe-se que as inúmeras intervenções na clínica e na educação com crianças autistas e/ou com atrasos em seu desenvolvimento são tomadas deste uma ótica patologizante, lógica esta que possui inúmeras limitações clínicas, pois, ao submeter o sujeito à discursividade da patologia, intervém-se mais no âmbito da adaptabilidade do comportamento dito como inadequado que, ao revés deste, ato que apresento ao leitor durante as intervenções realizadas.

Por fim, entende-se que clínicos e educadores possam ampliar seus horizontes para o potencial daquilo que as crianças com diagnósticos de autismo e/ou atrasos em seu desenvolvimento apresentam para que assim algo de sua singularidade e estruturação possa surgir.

Trabalha-se então com um sujeito que sempre possa advir, não com a adaptabilidade diagnóstica. O trabalho é extenso, mas revela-se encantador para aqueles que compreendem o sujeito como uma aposta a ser manejada na clínica e nas impossibilidades da educação.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Regina. **O bebê, o corpo e a linguagem**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- CUNHA, S. M. da. Crianças e música: educação musical e estudos da infância em diálogo. *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v. 16, p. 1-20, maio 2020.
- DE MESQUITA, Raquel Cabral. Inclusão na impossibilidade da educação: uma proposta de intervenção psicanalítica. 2017.
- FREUD, Sigmund. O Estranho (1919). ESB, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976
- FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável (1937). ESB, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- LAJONQUIÈRE, Leandro de. **De Piaget a Freud**. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.
- LEVIN, Esteban. **Clínica e Educação com as crianças do outro espelho**. Petrópolis: Vozes, 2005
- LEVIN, Esteban. A criança do organismo ao corpo. **Colóquio do Lepsi**. São Paulo, Ano. 3. FE-USP, 2002.
- LINO, D. L. Barulhar: a escuta sensível da música nas culturas da infância. Porto Alegre, 2008. 395 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008
- LOPARIC, Zeljko. De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática. **Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade**, Porto Alegre n.01, Jan/Fev/Mar. 2007.

PINHEIRO, Mariana Lobo de Souza. Intervenção precoce na relação mãe-bebê em uma unidade de terapia intensiva neonatal sob a perspectiva psicanalítica: um relato de caso. **Pulsional Revista de Psicanálise**, n.179, p. 43-50, 2004.

ROUDINESCO, Elisabeth. Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SILVEIRA, Viviane. Considerações acerca de uma intervenção musical na clínica psicanalítica. In: BEYER, Ester S. W. (Org). **O som e a criatividade: Reflexões sobre experiências musicais**. Santa Maria: Ufsm, 2005.

VOLTARELLI, Monique Aparecida; BARBOSA, Etienne Baldez Louzada. Experienciar e expressar: as linguagens infantis na relação com a arte. Em Aberto, v. 34, n. 110, 2021.

WINNICOTT, D. W.; BRITTON, C. Tratamento em regime residencial para crianças difíceis. In: D. W. WINNICOTT, Privação e delinquência. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 59-86

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro, Imago: 1975.



C A P Í T U L O 4

MÚSICA E EDUCAÇÃO - EXPERIÊNCIAS DE ATELIÊS MUSICAIS

Deise Priscila Delagnolo

RESUMO: Este trabalho engendra-se na articulação entre a clínica psicológica referenciada na psicanálise freudiano-lacaniana e a educação musical, tendo como objetivo a utilização da música como meio de imersão de experimentos simbólicos. Os objetivos subsidiaram-se na revisão de produções acerca da utilização da música em ateliês clínico-educativos (articulação do autor), pois entende-se que onde há uma aposta no sujeito existe uma indissociabilidade contextual, ou seja, clínica e educação musical. Pretende-se ao longo do texto revistar estes ateliês, bem como a música como marco fundante na estruturação psíquica do sujeito e apresentar ao leitor experiência realizada na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE do Estado de Santa Catarina. Ao longo do percurso pode-se compreender que as intervenções com sujeitos autistas demanda a produção do laço e de um extenso encadeamento de investidas do clínico e do educador, entendendo o caráter indissociável da práxis. Por fim, entende-se que para haver a imersão na educação musical, é preciso sair do fazer homogêneo para abrir espaço a potência do sujeito, dito de outra forma, que este possa experienciar a música ao seu modo, sem que esta seja uma linguagem dada a ser apreendida, mas sim um espaço de potência criativa.

PALAVRAS-CHAVE: Clínica; Educação; Psicanálise; Educação Musical; Ateliê criativo.

INTRODUÇÃO

Este trabalho constitui-se como um caminho de apostas. Apostas estas que advém do desejo de articular a clínica psicológica e a educação musical em um encadeamento de imersão simbólica a sujeitos com autismo. Diz-se aposta, pois ao trabalharmos com sujeitos que se encontram estigmatizados, marginalizados, aparentemente presos em diagnósticos de autismo (ou outros), tensionamos a clínica e a educação em direção a movimentos atrelados à pulsão de vida, contrariando assim a lógica de um fazer universalizante em relação ao autismo, dito de outro modo, aposta-se em uma clínica e uma educação referenciados na criatividade e na aposta do advir do sujeito criativo.

O conceito de criatividade é tomado a partir das contribuições de Winnicott (1975) acerca do brincar enquanto movimento de produção simbólica, o brincar enquanto movimento de investimento e aposta no sujeito, para tanto, conjuga-se o brincar com objetos sonoros. As revisões narrativas acerca do autismo, sobretudo aquelas oriundas dos contextos educacionais e científicas marcam um engessamento diante do advir, uma aposta no sujeito: poder ser, poder fazer, poder criar, portanto, tecemos o presente relato de experiência que se engendra em investimentos e imersões que apostam no sujeito e na criatividade enquanto apropriação simbólica.

Para tanto, a temática desta pesquisa debruça-se em um relato de experiência desenvolvido em uma Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE no Estado de Santa Catarina, onde o encontro com o autismo e suas especificidades foram tomados como potências e não engessamentos, vislumbrando ateliês de fazeres possíveis, onde o fazer possível se torna o encanto da clínica e da educação musical.

As articulações entre música, linguagem, estruturação psíquica e apostas educativas permeiam os estudos desenvolvidos no âmbito das contribuições da psicanálise freudiana-lacaniana e do psicanalista Alain Didier-Weill (psiquiatra e psicanalista francês 1939-2018). Referencia-se este relato de experiência em autores que desenvolveram experiências clínico-pedagógicas ao trabalharem com o autismo e referenciais da psicanálise com a música que nos auxiliam a subsidiar um lugar para a música e para o autismo na cena da educação e da clínica. (Levin, 2005; Winnicott, 1971; Didier-Weill, 1993).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento das articulações teóricas, foram revisados artigos que versam sobre o fazer musical enquanto instrumento de intervenção clínico-pedagógica, bem como a articulação de um relato de experiência institucional que foi subsidiado na construção de ateliês criativos mediante a utilização da música na intervenção em sujeitos com autismo.

Com o intuito de abranger a práxis musical na intervenção com sujeitos autistas elenca-se a periodicidade de produções entre os anos de 2017 e 2023, nas bases de dados Scielo e CAPES onde destacam-se distintos fazeres da clínica e da educação com crianças autistas.

O fator estruturação psíquica foi tomado como recorte de relevância para compreensão da construção de uma linguagem na constituição do sujeito.

O estudo tomou as seguintes palavras como descritoras de exploração e análise: psicanálise e autismo; psicanálise e música, psicanálise e educação musical tendo tomado como recorte referencial as pesquisas realizadas no âmbito da práxis clínica e pedagógica.

A MÚSICA ENQUANTO SIGNIFICANTE DE IMERSÃO SIMBÓLICA

A música caracteriza-se como um meio vigoroso no manejo da clínica e da educação com autistas. Esta contribui desde uma ética que aposta na possibilidade de criação e imersão no universo simbólico pelo sujeito, desde a mediação com um Outro que seja semelhante, que adentre em uma cena, tal qual as teorizações de Levin (2005) acerca da clínica e educação com as crianças do Outro espelho.

Para o autor há que se fazer Outro na cena de intervenções com o autismo, um Outro que seja semelhante de um desejo que está por vir, um Outro que envolva seu corpo, sua palavra, seu olhar na cena da educação e da clínica.

Viana, Pierri (2020) contribuindo com reflexões acerca da música na estruturação do sujeito a nomeiam como um meio enunciativo indireto, onde paradoxalmente se faz uma proteção necessária à angústia ao objeto Outro, ela também empresta pela via da voz e dos ecos instrumentais que uma palavra seja dita, ou seja, melodicamente, imaginariamente, uma cena, onde através dos sons se possa falar algo de si, no âmbito de um movimento de simbolização.

Santos (2021) discorrendo sobre as possibilidades de uma clínica e educação com o autismo através da musicalidade, partindo da teoria da linguagem da psicanálise, focou na condição autística em suas particularidades de relação com o significante e sobre a musicalidade na constituição do sujeito no meio sonoro. Os resultados demonstraram que seria possível trabalhar a musicalidade como forma languageira privilegiada, para formar uma ligação com o sujeito autista. Logo, pela música seria possível edificar um discurso de enunciação sem enunciado, isto é, que não necessariamente aborde a lógica de significação, e que ainda se registra no campo social como uma forma autêntica de linguagem, de interação social.

Essas considerações dialogam com que abordam Viana, Pierri (2020) quando tratam a música como uma primeira dimensão de inscrição psíquica tendo como marco o que denominam de voz primordial, aquela presente nas falas da mãe que produzem significados aos primeiros gestos e balbucios, melhor dizendo há neste gesto a constituição de uma fala, uma canção do desejo sobre esse corpo. Ao cantarolar sob um balbucio do pequeno infans a mãe produz em seu corpo marcas simbólicas, saindo então de uma marca somática para a passagem em um registro no âmbito do psiquismo. Pois ali onde não há “nada” é necessário que haja uma aposta, um desejo, uma significação, a qual faz marcas de registro da fala, da fala do desejo desta mãe sobre o infans. A partir desta passagem pode-se dizer que o bebê pode perpassar sob um processo de constituição da fala, de marcas interpretativas deste desejo, onde poder-se-ia dizer um cantarolar de sí no mundo sob um encadeamento significante.

Cabe-nos ressaltar que para falar da música e sua relação com a estruturação psíquica faz-se primordial compreendermos as relações entre significados e significantes, os quais escolhemos as categorias enunciadas por Ferdinand Saussure em seus estudos sobre linguística.

Para o autor a língua é composta por um sistema de signos linguísticos que juntos desencadeiam imagens acústicas, estas são divididas em suas elaborações em significados e significantes. Desta forma, os signos são constituídos em uma articulação entre significantes e significados, estando relacionados em uma dinâmica entre imagem acústica (significante) e conceito (significado) (Pontes; Calazanas, 2017).

Ao observarmos os gestos estereotipados em bebês e crianças autistas percebemos a importância do manejo da música (significante) no processo de significação da linguagem em jogos que compõe a própria aposta no desenvolvimento do sujeito, deste modo salientamos o conceito de lalingua utilizado por Lacan para se referenciar a linguagem materna que encobre o sujeito. Dito isto, os jogos que compõe a musicalidade apostam em um meio onde a linguagem possa encobrir o sujeito e possibilitá-lo desde outro lugar seu advento na linguagem (Viana et al., 2017).

Lalingua, termo inventado por Lacan, conjuga a “língua” com a “lalação” que se refere àquela forma de falar do bebê (aproximadamente entre 1 ano e 2 anos e meio) que parece uma língua própria antes mesmo da aquisição da fala propriamente dita, ou seja, antes mesmo da articulação significante. Cada ser humano, como ser falante, nasce e cresce recebendo a chuva – de pequenas gotas até enxurradas - da língua em que nasce, e vai dela se apropriando e constituindo a sua língua começando pela lalação onde a musicalidade com seu ritmo, cadências, entonações, graves e agudos permite à criança expressar seus desejos e afetos – do júbilo ao ódio, da tristeza à exaltação. (Quinet, p.8, 2012)

Para tanto, trazendo a clínica e a educação para o âmbito musical (Viana et al., 2017) nos mostram as conceituações de Alain Didier-Weill (psiquiatra e psicanalista francês 1939-2018) que trabalha sob a ótica de que uma nota musical não pode ser substituída, ela é ela própria, colocando o sujeito em um puro real, tendo então a música um lugar de colocar o sujeito em um efeito mítico de recomeço, no real, em um reconstituir-se desde outra linguagem.

Em um recomeço onde as letras se recompõem, produzem um advir sonoro, uma linguagem que é mediada pelo “terapeuta” “educador” fazendo-se espelho sonoro, enodando o sujeito em um outras letras (sons, notas) fazendo surgir, fazendo emergir.

Estudos relacionados as manifestações das ecolalias em crianças constituem se como fundantes para compreendermos a clínica e a educação com crianças autistas mediada pela utilização da música como objeto significante. Para tanto, De Carvalho e De Melo (2018) nos mostram que esta manifestação advém de uma repetição discursiva do campo do Outro, por tanto sem um gesto estruturado em uma linguagem de significação singular.

Contudo, partindo do suposto de que a criança autista estaria em um aprisionamento aos sons advindos da voz do Outro, impondo-nos impasses subjetivos e da própria constituição psíquica, ela também se revela como um meio para movimentar uma saída desta rede discursiva a qual revelar-nos-ia um sem sentido. Denomina-se deste modo, pois não haveria em encadeamento significante, de apropriação do objeto e por si uma abertura a constituição simbólica, por mais sutil que seja.

De Carvalho e De Melo (2018) nos trazem extensas contribuições acerca das relações do autismo com a linguagem, considerando um embate entre corpo e linguagem. Dito de outra maneira, estaria mediante ao corpo que recusa a linguagem, porém salientando esta recusa como advinda do Outro, em uma recusa especular. Melhor dizendo, um afastamento da sonoridade da voz deste Outro que de alguma forma se ausentou em um marco fundante da constituição psíquica desde sujeito. Salienta-se que mesmo traçando estas conceituações respeita-se o lugar deste Outro e sua ordem discursiva, seu lugar enquanto sujeito, assim não pretende-se tecer nenhuma espécie de julgamento desta relação que por algum motivo ético (da ordem do desejo) se fez fundante.

Importante então na clínica e na educação com a sonoridade, porque não da música, entendendo as ecolalias como aberturas para produções musicais salientar que a rede discursiva deste Outro que não entra e/ou se repete em um sem sentido no ordenamento Real, pensar a abertura que ela nos oferece enquanto discurso à produzir, como elemento significante.

A utilização da música enquanto mediadora nesta práxis, demonstra através dos materiais analisados uma forma de movimentar a linguagem, a comunicação e fundamentalmente a invenção de si nos espaços duais que a mesma possibilita aos sujeitos. Diversas são as formas, sendo elas mediadas pelo manuseio de instrumentos musicais, abertura de cenas teatrais, utilização do corpo, de tal modo que esta sirva como um meio para o desenvolvimento de distintas expressões e habilidades, sendo elas motoras, cognitivas, linguísticas (Matos; Fávero, 2023).

Para tanto, optou-se por trazer recortes de ateliês da utilização da música na intervenção e educação com sujeitos autistas, os quais emergem como experiências de encontros musicais possíveis ao universo autista e demostram o que afirmou-se anteriormente, que a música pode ser uma letra de aberturas, ou melhor, uma nota.

Estela, um caso apresentado por Lucéro et al., (2021) nos mostra o poder da criatividade e da música e os aspectos minuciosos da práxis com autistas. Neste caso a retenção da atenção estava em colas, as quais eram enfileiradas em um movimento estereotipado do caso. Aos poucos, através da utilização de canções, as colas passavam a serem objetos animados à Stela, pois ao utilizarem-se de desenhos as analistas ecoavam canções, na qual Estela em determinado momento sai de seu lugar e emite um miau, com referência ao significante da canção Atirei o Pau no Gato.

O intuito das analistas no caso de Estela era utilizar-se do interesse por música demonstrado pela paciente em adaptações no ambiente. Produzia-se assim pequenos deslocamentos e aberturas imaginárias através da utilização de canções mediante distintos objetos.

Outra intervenção que apresentou os aspectos dos movimentos musicais nas intervenções clínicas com o autismo foi apresentada por Sousa, et al., (2017) os quais desenvolveram um ateliê musical com crianças autistas (típicas e atípicas), compondo uma equipe multiprofissional, sendo: psicólogos, psicanalistas, uma professora de música e fonoaudióloga. Nestes ateliês eram cantadas músicas escolhidas através das entrevistas com os pais, sendo 10 referenciadas nos apontamentos dos familiares e outra que a equipe denominou de música-surpresa. O ateliê produzia aberturas para a dança, manuseio de instrumentos, em suma uma abertura de lugares para o autista, uma saída do sí mesmo.

A música possui características enriquecedoras para a abertura em casos de autismo. Diz-se isto, pois conforme discorrem Sousa, et al (2017) esta aloca-se em traços que fazem referência à parentalidade e ao estrangeiro. Ou seja, coloca o sujeito em um além de sentidos, onde os significantes enriquecem-se justamente por uma certa nulidade de significados, melhor dizendo não há como saber o que será capturado neste movimento onde a linguagem captura algo já dado que à nós não é conhecido para um espaço de criação significante.

Gabriel participou dos ateliês musicais, fez um laço primeiro com a flauta, não interagindo com o grupo, porém fazendo movimentos de girar e cantando a seu modo. Somente algumas músicas capturaram Gabriel, sendo importante salientar que o ateliê atentava à aspectos musicais como: som e silencio, timbres (canções que faziam maior referência ao ninar ecoando isto na voz). Dito de outro modo, colocando na música o movimento de presença e ausência, o qual constitui-se como fundamental para a abertura do cenário da construção da inventividade autista (Souza, 2017).

Gabriel oscilava seus interesses durante os ateliês. Em determinados momentos isolava-se dos trabalhos, enquanto em outros demostrava imenso interesse pelas atividades, demonstrando gestos de alegria e euforia. A troca de instrumentos musicais que acontecia nos ateliês ocorria em gestos compulsivos, demonstrando interesse apenas por um objeto, a flauta (Souza, 2017).

Todavia, mesmo Gabriel apresentando inúmeras recusas de inserção nas atividades, pareceu imergir enquanto primeira pessoa no momento em que o silêncio era invocado em determinada canção (ingressando na roda), fazendo assim referência a importância da alternância dos espaços de presença e ausência, ou seja, foi no silêncio, entre um som e outro que Gabriel se apresentou (Souza, 2017).

Cirigliano (2019) trabalhando com a musicoterapia em casos de autismo remonta o pressuposto da música enquanto linguagem, deste modo, enfatizando-a como forma de tratamento para autistas. Lembra que ao tecermos articulações entre música (linguagem) e psicanálise estamos diante da produção de algo da singularidade do sujeito, visto que enquanto objeto mediador produz uma lacuna, lacuna esta que abre espaço para a produção imaginária, dito de outro modo, para o despertar do sujeito e sua singularidade.

Indagação comumente para àqueles que se debruçam a estudarem o universo autista perpassa ao manejarmos a música enquanto objeto de criação, pergunta que nos toca: Como alcançar uma criança autista? Como fazê-la adentrar em um universo metafórico? Tomaria a liberdade e audácia de responder esta angústia: ao deixá-los capturarem o que lhes toca a alma.

Cirigliano (2019) em seus estudos acerca de musicoterapia traz à tona o conceito de musicalidade clínica onde estaria à disposição dos terapeutas a escuta dos elementos musicais apresentados pelo paciente. Dito de outra maneira, no manejo do que a música pode tocar e fazer-se tocar, indagando-se: O que neste paciente toca e ecoa? Altura? Intensidade? Timbre? Letra? Andamento? Compasso?

Para tanto trazemos outro recorte clínico que demonstra a potência da música no atendimento de crianças autistas, lembrando que não se trata em nenhum momento de alcançar os objetivos do fazer musical enquanto Arte estabelecida nos dicionários acadêmicos e eruditos, pelo contrário, trata-se de tecermos ecos imaginários para a abertura de um espaço de invenção de si através dos elementos da música.

Relatos e recortes do paciente R. demonstram o poder da música, mas também a cautela que devemos ter ao mediarmos os objetos musicais com crianças autistas, pois assim como qualquer objeto a Arte-Musical também pode ecoar como uma invasora, como um lugar de “incapacidade” de produção subjetiva, deste modo as terapeutas utilizam-se da história pregressa do paciente para estruturarem o objeto de modo que este não invada a singularidade do universo autista (Cirigliano, 2019).

Recortamos a utilização do violão nas sessões onde R. através das cordas e da formação das notas com seus intervalos produzia sílabas. A canção do violão, assim foi o manejo do trabalho. Evocou-se as notas (si-mi-mi-mi-si-si-si), cantando violão canta uma canção para mim, R. adentrou na cena e evocou um Oi (Cirigliano, 2019).

Um conceito fundamental para atravessarmos as considerações acerca da utilização da música em casos de autismo é o de pulsão invocante o qual foi explorando por Lacan como uma pulsão aliada a pulsão escópica, tendo a voz como objeto, cumprindo função na constituição de determinação do sujeito, dito de outra maneira, é através dos olhares, balbucios e cantarolares da mãe que o bebê aliena-se à mesma e ao mesmo tempo escapa para uma produção de si através das invocações sonoras.

No que tange à pulsão invocante, temos os três tempos: o ativo, o passivo e o reflexivo – respectivamente, escutar/ouvir, ser escutado/ouvido e se fazer escutar/ouvir. Aqui começam algumas diferenças da pulsão invocante em relação às outras pulsões, pois, se as pulsões orais, anais e escópicas possuem uma única zona erógena, na pulsão invocante temos duas zonas erógenas: o ouvido e a boca. Desse modo, os três tempos da pulsão se aplicam tanto ao escutar/ouvir, ser escutado/ouvido e se fazer escutar/ouvir, como também àquele referente à boca como zona erógena: chamar, ser chamado, se fazer chamar. O fato de haver duas bordas erógenas e não somente uma implica na presença do Outro, pois justamente se o sujeito fala, emite uma voz, ainda que seja um grito, isso está endereçado a alguém, diferentemente do olhar, por exemplo, em que alguém pode simplesmente olhar para algo, contemplar uma paisagem ou alguma coisa que está a sua frente. A voz porta esse endereçamento ao Outro, e, para a psicanálise, isso tem um valor clínico muito importante, na medida em que nossa prática se desenrola a partir de um sujeito que nos dá sua voz, nos endereça alguma forma de chamado. Então, essas duas zonas erógenas (a boca e o ouvido) implicam a presença do sujeito e do Outro [...] (Maliska, p.48, 2022).

Corroborando com os estudos de Freud acerca do movimento pulsional invocante, o psicanalista francês Alain Didier-Weill trabalha com o conceito de nota azul, o qual constitui-se como mola propulsora para o advir do sujeito na mediação da linguagem musical. A nota azul é explorada por Didier-Weill como um tempo subjetivante de explosão dos sentidos, uma ruptura temporal, não sendo previsível em sua relação com o sujeito, caracteriza-se como um elemento surpresa que posiciona o sujeito em uma experiência estética de si, de criação de si no mundo, por isso Didier Weill posiciona o conceito com o do brincar, movimento no qual a invenção de si surge como objetivo.

Para tanto a apostila da nota azul e dos elementos do brincar na intervenção com sujeitos com autismo toma proporções imaginárias e de ganhos para o desenvolvimento do sujeito. Pois é na relação com este elemento que toca por dentro e por fora faz emergir como uma produção imaginária de si no mundo, um existir para além do espelho.

Por fim, sustentando a apostila de uma clínica e educação mediadas pela Arte-Musical, trazemos o trabalho realizado por Àvila (2018) no Instituto de Psicologia da USP que se utilizou em sua pesquisa de oficinas denominadas de fazer música. Nas oficinas foram utilizados distintos instrumentos musicais, tais como: tambores, xilofone, chocinhos, flautas e apitos variados.

Eram tocadas canções nas oficinas onde cada um escolhia um instrumento e se apresentava, tendo como princípio a improvisação, esta compreendida como um procedimento onde o sujeito pode elaborar através de gestos, toques instrumentais, vocalizações, ou seja, qualquer forma que se utilize da música como mediadora da expressão de si.

As canções eram utilizadas por meio da recriação musical onde primeiramente utilizava-se de canções do folclore infantil, repertórios contemporâneos (incluindo personagens de desenhos animados e programas de televisão). Por fim, utilizou-se de modelos improvisados, onde a criação do ritmo, melodia e harmonia eram dados pelo paciente e o terapeuta, ou seja, construídas transferencialmente.

Percebeu-se através do estudo que crianças com dificuldade de interação social faziam laço com o objeto musical e através deste podiam expressar-se e fazer vínculo com outros, de tal modo que pode-se perceber a Arte-musical como um objeto extensivo do eu que possibilita expressão e laço, adquire lugar de objeto sem caracterizar-se como intrusivo, pelo contrário.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A narrativa tecida neste trabalho advém de uma experiência institucional no estado de Santa Catarina e integra o fazer clínico-educativo vislumbrando nas revisões teóricas articuladas anteriormente, dito de outro modo, faz-se ponte da experiência de outros para uma construção singular.

Foram realizadas oficinas de Arte com utilização da música mediante a observação das demandas de sujeitos com autismo.

Em um primeiro momento houve a necessidade de ressignificar a prática, visto a impossibilidade de adequação normativa do ensino musical mediante o que se encontrava nos sujeitos, dito de outro modo, não era possível ensinar a tocar xilofone, cantar em rodas organizadas, mas mediante revisão de autores que sustentaram a prática (Levin, 2005; Winnicott, 1971), bem como as narrativas apresentadas anteriormente, foi possível movimentar a intervenção mediante a produção de cenários, do brincar e de uma produção de si singular, onde o desejo era que algo pudesse ecoar mediante as imersões em simbolismos musicais.

Desde o início da práxis tocou a atenção os atos estereotipados apresentados no autismo, onde os movimentos repetitivos ecoaram como uma mola propulsora das intervenções.

O sujeito em questão passa a aula de Artes batendo sobre a mesa, indagava-me? Como chegar neste sujeito? Seria possível que estas estereotipias de alguma forma se transformassem em ritmos? O que poderia surgir? Não sabia, apenas utilizava o violão, apresentava chocalhos, cantava, aproximava-se, “algumas” vezes os chocalhos eram arremessados, deixava que o sujeito fosse, ao seu modo, mas continuava. Ao longo do percurso fui percebendo que o objeto não era mais arremessado, já tinha algum ganho, minha presença de algum modo já era suportada.

Essa presença suportada é teorizada em psicanálise como um difícil encontro entre o Outro e o sujeito com autismo, porém em distintas investidas, respeitando o lugar que este toma em seus atos, mesmo que “nada” surja, sustenta-se o desejo, o desejo de estar, de poder movimentar algo que a priori não se sabe, mas entende-se como fundamental para que algo de simbólico adentre em um universo que se estrutura entre o real e o imaginário (Ferreira e Vorcaro, 2017).

Entre o real e o imaginário há um sujeito que é investido desde um lugar onde a música possa ser uma linguagem outra, um momento de aproximação simbólica, esta linguagem que não se pretende ensinar a música como um lugar de um fazer estereotipada na linguagem heterogênea, mas que algo possa ser experienciado, e foi possível.

Neste ponto de interlocução entre a educação musical e a clínica as tecituras de Alain Didier-Weill tornam-se referenciais, pois para o autor a música constitui-se como uma linguagem outra de um recomeço, de um encontro com o real e uma outra língua. Neste movimento poderíamos entender uma linguagem distinta daquela que o sujeito tem experimentado desde o seu nascimento. É uma aposta, é uma criação, é um lugar de não saber para produzir algo que não se sabe, mas que se entende como simbólico.

Quando o sujeito em questão pega o chocalho e por segundos bate na mesa ele produz algo, algo do sonoro, algo da apropriação de uma presença, de uma experiência, algo que não se pretende olhar como um ensino musical, mas como uma experimentação simbólica, esta mediada pela música.

Entende-se desde as teorizações da psicanálise que a aposta no sujeito encarnada pelo Outro educador, pelo Outro clínico constituem-se como fundantes de uma ética, a do desejo, o desejo que algo surja, neste caso que algo de apropriação simbólica seja experienciado, e foi.

Cabe salientar que as investidas na educação de crianças com autismo são complexas, que o desejo do educador é onde se sustenta a prática, que não se pretende curar, almeja-se o experimento, não se pretende olhar para a criança autista e desenhar a priori que emerja um sujeito que se adeque a linguagem universal, mas sim um sujeito que crie no espaço potencial que o educador possibilita.

Este espaço potencial é discutido por Winnicott (1971), o qual trabalha com o conceito de criatividade através do brincar, para este autor, mesmo que não tenha trabalhado com crianças autistas, é no brincar que emerge o sujeito, na criatividade, para tanto amplia-se este conceito na educação e na clínica com crianças autistas.

O sujeito o qual relato esta experiência não se transformou em um ritmo das músicas que tocavam-se nos ateliês musicais, mas pode de alguma forma adentrar em um cenário outro, uma cena onde a música e seus simbolismos o chegam, este foi o objetivo da educação musical com essas crianças.

Educa-se para a experiência, experencia-se o desejo de que algo se torne uma potência para o sujeito, esta é uma educação outra, uma linguagem outra, um possível ao seu modo, sem expectativas, mas com desejo, onde o educador à todo tempo experencia suas próprias faltas, seus próprios fracassos, mas entende que em algum momento algo que ele não sabe pode vir a surgir.

É denso, mas é encantador!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta trajetória com o autismo e suas especificidades, percebeu-se embates epistemológicos, os quais referenciam-se principalmente na designação de um lugar discursivo para estes sujeitos, dito de outra forma, um embate em questões das teorias da linguagem e da conceituação de sujeito.

Considera-se que a práxis e a criação de espaços onde o sujeito possa ser ao seu modo, onde as imersões em simbolismos outros se revelam como potência ao sujeito, onde os tensionamentos epistemológicos não adentram enquanto questão neste estudo, pois entende-se a aposta como mola propulsora da intervenção e potencial à criatividade.

Experiências de ateliês com autistas se tornam espaços em potência, espaços de inclusão, de criação, mesmo que a relação com o não saber nos toque o tempo todo, parece que esta é a questão, ao não saber apostamos que algo surja e não somos nós quem dizemos o que está por vir, apenas apresentamos uma linguagem outra, uma linguagem advinda das artes, da música, um espaço criativo para um sujeito que irá produzir, se produzir, algo ao seu modo!

REFERÊNCIAS

CIRIGLIANO, Márcia Maria da Silva. Uma pontuação possível aos discursos sobre o autismo: a voz no autista-interlocuções entre análise de discurso, psicanálise e musicoterapia. Tese (Doutorado em estudos da linguagem) – Universidade Federal Fluminense – UFF, Rio de Janeiro, 2019.

DE CARVALHO, Gloria Maria Monteiro; DE MELO, Maria de Fátima Vilar. Ecolalia e música: a linguagem no autismo. **Revista do GEL**, v. 15, n. 1, p. 63-84, 2018.

FERREIRA, Tânia; VORCARO, Angela. **O tratamento psicanalítico de crianças autistas: Diálogo com múltiplas experiências**. Autêntica, 2017

LEVIN, Esteban. **Clínica e educação com as crianças do outro espelho**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MALISKA, Maurício Eugênio. Destinos da pulsão invocante na direção da análise. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 25, p. 47-53, 2022

MATOS, Graciela C.; FÁVERO, Cristina H. A música na sala de aula e seus benefícios no processo de aprendizagem das crianças autistas. In: OLIVEIRA JÚNIOR, Waldemar B.; FRANCO, Anderson E. R.; LEITE, Maria A. (orgs.). Formação de professores(as), Universidade e Educação Básica: contribuições para as (trans)formações no ensino. Itapiranga: Schreiben, 2023, v. 2, p. 162-171.

SANTOS, Bruno Gonçalves dos. Música e experiência psíquica: ressonâncias entre autismo e laço social. Tese (Doutorado em Ciências e Letras) – Universidade Estadual Paulista – UNESP. São Paulo, 2021.

VIANA, Beatriz Alves et al. A dimensão musical de lalíngua e seus efeitos na prática com crianças autistas. **Psicologia USP**, v. 28, p. 337-345, 2017.

VIANA, Beatriz Alves; PIERI, Luciana Carvalho. Articulações entre psicanálise e música: a presença da voz na constituição do sujeito. **Psicanálise & Barroco em Revista**, v. 18, n. 1, p. 97-113, 2020.

QUINET, Antônio. Psicanálise e música: reflexões sobre o inconsciente equívoco. **Música e Linguagem-Revista do Curso de Música da Universidade Federal do Espírito Santo**, v. 1, n. 1, 2012

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade. Imago**. Rio de Janeiro. 1975.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os presentes escritos percorreram um caminho que articula clínica, educação e música como campos de produção simbólica e de invenção subjetiva frente ao autismo. Ao longo dos capítulos, foi possível observar que a escola, a clínica e os ateliês musicais podem se constituir como espaços privilegiados de intervenção quando se sustentam pela aposta na potência do sujeito, e não pelo aprisionamento em diagnósticos cristalizados.

Os capítulos evidenciam como as estereotipias, muitas vezes compreendidas unicamente como sintomas deficitários, podem ser ressignificadas a partir do brincar e da produção de cenários, sustentando-se em Winnicott, Levin e outros estudos. O brincar, quando acolhido e ampliado, revela-se como possibilidade de abertura simbólica e de emergência do sujeito desejante. Do mesmo modo, a música é tomada não como técnica ou habilidade a ser aprendida, mas como linguagem originária, portadora de ritmo, presença e ausência, capaz de instaurar laços e deslocamentos subjetivos.

A partir da clínica e da educação musical, os relatos de experiência trazem exemplos concretos de como a invenção de cenários, a produção de jogos sonoros e o manejo da musicalidade podem abrir espaços de subjetivação. Nestes espaços, o autismo não é tomado como limite absoluto, mas como ponto de partida para novas formas de laço, linguagem e criação.

Conclui-se que a clínica e a educação, quando articuladas pela música, revelam-se campos férteis para o surgimento de potências criativas. Mais do que oferecer respostas prontas ou métodos universais, os escritos apontam para uma ética: a de sustentar o encontro com cada sujeito em sua singularidade, abrindo espaços para que o brincar, de modo que, a música e a invenção simbólica sejam caminhos de produção de vida.

Assim, aponta-se para a necessidade de pensarmos o autismo não a partir da carência, mas da potência criativa, reconhecendo que cada intervenção é também um ato político e ético de resistência às práticas de exclusão e de patologização. O convite é que educadores, clínicos e pesquisadores possam continuar a experimentar, inventar e sustentar cenários em que a música e o brincar se tornem meios de expressão e liberdade.

SOBRE A AUTORA



DEISE PRISCILA DELAGNOLO: é psicóloga e mestrandona em Educação. A autora dedicou parte de sua trajetória acadêmica aos estudos sobre o brincar e a música no contexto clínico. Atualmente, investiga temas relacionados à filosofia crítica, aos diagnósticos, à saúde mental, aos saberes psi, dentre outros.

ENTRE

ESTEREÓTIPIAS, BRINCAR & MÚSICA

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉️ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- FACEBOOK www.facebook.com/atenaeditora.com.br



ENTRE ESTEREÓTIPIAS, BRINCAR & MÚSICA

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉️ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- FACEBOOK www.facebook.com/atenaeditora.com.br